

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

CAUÊ DOS SANTOS AGOSTINI

SENSIBILIDADE À IGUALDADE DE GÊNERO NO FUTEBOL NA
PERSPECTIVA DE ESTUDANTES

São Carlos

2022

Cauê dos Santos Agostini

Sensibilidade à igualdade de gênero no futebol na perspectiva de estudantes

Monografia apresentada à disciplina “Monografia em Educação Física”, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior e coorientação da Prof. Dra. Daniela Godoi Jacomassi

São Carlos

2022

Ficha catalográfica

AGRADECIMENTO

Devido à proximidade deste trabalho e do pesquisador com o universo do esporte, esse agradecimento será, antes de tudo, uma homenagem ao futebol, colocando as pessoas que foram, e são, importantes em minha trajetória, para jogar.

Todo time possui suas lendas. Algumas ainda entre nós, outras com suas lembranças sempre presentes. Deixo aqui minha homenagem aos meus avôs e avós Eva, Alvair, Angélica, Amélio e Adelina. Pessoas marcantes e incríveis.

Minha mãe, Tatiane, que mesmo com toda pressão que enfrentamos ao longo de nossa vida, sinto que sempre pude me arriscar em ir ao ataque pois tenho você na retaguarda. Portanto, Tatiane é a goleira e camisa 1 desse time.

Na dupla de zaga, vestindo os números 3 e 4, tenho Rodrigo e Tarcísio, pais que a vida me deu e que levo comigo seus exemplos. Ao Rodrigo, mesmo sem você por aqui há algum tempo, levo você comigo em cada passo e ao Tarcísio, agradeço os momentos e conversas. As laterais, vestindo a 2 e a 6, são escaladas por meus amigos de São Carlos (Barbara, Carol, Esther, Gustavo, Pedro, Karina, Wellington, Zeca, Elaine, Nelson, entre outros/as) e de São Pedro (Ariane, Diego, Giovane, Felipe, Pedro e outras/os) que entre idas e vindas, algumas vezes ajudando no ataque e outras na defesa, sempre tiveram um papel essencial em minha vida.

Na camisa 5, protegendo e abrilhantando a saída de bola, tenho meus tios Fabiano e Muriel e primos Gustavo, Caio e Gabriel. Obrigado por tornar sempre tudo mais leve e ao mesmo tempo ser um grande apoio. O segundo volante, camisa 8, é Kailani. Jogador diferenciado e polêmico, que joga em Brasília e deixa uma grande vontade de ter comigo em meu dia a dia.

Os números 7 e 11 ficam com meus amigos Bruno e Fausto. Sempre ajudando a equipe e abrilhantando o espetáculo com momentos inesquecíveis. Obrigado pelos 5 anos morando juntos, pelos perrengues, risadas e amizade. A camisa 9, contratação que veio para somar, é de Luana. Artilheira e marcada por seus gols inesquecíveis. Te agradeço por todo o apoio, companheirismo e pelos sentimentos fortes, lindos e intensos que só um (a) camisa 9 é capaz de proporcionar a alguém.

Por último nessa escalação tenho Osmar. Professor, orientador, amigo e principalmente conselheiro, que nesse time tem um papel especial que só alguém com muita moral no time pode exercer. Jogador, camisa 10, e técnico. Só tenho a agradecer por tudo.

Nossa auxiliar técnica é Dani, que colaborou na construção desse trabalho. Agradeço por todas as dicas, ensinamentos, tempo e paciência. Não poderia deixar de ressaltar a comissão técnica, todas/os membros/as do grupo do ProFut, que sempre fizeram esse papel de suporte e motivação nessa trajetória.

Esse jogo ainda conta com estádio cheio de uma torcida incentivadora, corneteira e fiel, minha família (Gustavo, Henrique, Fernando, Bernadete, Diego, Nathalia e tantos/as outras/os).

Como em todo bom time, tenho minha mascote Katara sempre tornando os momentos mais leves e provocando sorrisos.

As opiniões sobre esse jogo ficam por conta do time de comentaristas Milena, Luiz, Caroline e Ana Cristina. Agradeço a disponibilidade e prontidão em fazer parte do trabalho.

E quem narra esse jogo é Deus, seja lá qual for o seu.

EPÍGRAFE

“O som das criança indo pra escola convence.

O feijão germina no algodão, a vida sempre
vence”.

(Emicida part. MC Tha)

RESUMO

O presente estudo tem como ponto de partida um acordo de cooperação e a transposição para o contexto brasileiro do questionário criado pelos pesquisadores espanhóis denominado *Escala de Actitudes Hacia la Igualdad de Género en el Fútbol Escolar*, dividido em uma parte que coleta dados sociodemográficos, e outros três blocos: sociocultural, relacional e competência motriz percebida, utilizando a escala Likert. Estabelecemos como objetivo geral de nosso trabalho a análise das opiniões, posicionamentos e comportamentos de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em relação à igualdade de Gênero no futebol no ambiente escolar e alto rendimento. A partir deste, surgem os objetivos específicos (1) categorizar os perfis dos/as participantes da pesquisa em grupos/*clusters* a partir de suas respostas; (2) estabelecer categorias de análises a partir do bloco “sociocultural” de afirmações do questionário EAIGFU e analisar como cada grupo de participantes se posiciona diante de cada tema. (3) Analisar o comportamento das/os participantes relacionando as respostas obtidas no bloco sociocultural com as respostas dos blocos “relacional” e de “competência motriz percebida” do questionário EAIGFU. (4) Apontar potenciais estudos ou linhas de pesquisa sobre o tema ou temas semelhantes que podem contribuir com essa categoria de pesquisa e com a compreensão que temos sobre o futebol na escola, citada acima. Esta pesquisa se trata de um estudo descritivo e correlacional, que utilizou uma técnica de pesquisa chamada “amostra bola de neve”. A coleta aconteceu durante o ano de 2019 e obtivemos 187 questionários respondidos, por crianças e adolescentes entre 12 e 18 anos. Para a análise dos dados obtidos, utilizamos um software estatístico chamado *Statistical Package for Social Sciences* e realizamos as seguintes etapas: (1) agrupamento dos perfis dos/as participantes em *clusters* (agrupamentos); (2) caracterização dos *clusters* a partir dos indicadores sociodemográficos; (3) categorização temática do bloco sociocultural e análise dos *clusters* por categoria temática; (4) análise dos blocos relacional e competência motriz percebida. Percebemos questões estruturais ligadas à percepção das/os alunos/as sobre a manifestação do sexismo no ambiente de aula ou no ambiente do alto rendimento, em função das características de cada *cluster*, onde um deles, rotulado como o *cluster* mais sexista, era composto por mais meninos e estudantes de escola pública e o outro, identificado como mais igualitário, tinha em sua maioria meninas e estudantes de escolas privadas. Percebemos, a partir dos resultados e das reflexões, a importância de estudos futuros contemplarem masculinidades e feminilidades plurais e/ou a interseccionalidade entre a categoria gênero e raça/etnia, classe, entre outras. Portanto, olhares múltiplos e abrangentes para as manifestações das identidades se fazem importantes para a

estruturação de um futebol onde grupos marginalizados possam assumir o protagonismo da prática, se apropriando de um elemento forte e enraizado na cultura brasileira.

Palavras-chave: Futebol escolar. Percepções. Igualdade de gênero. Sexismo.

ABSTRACT

The present study has as its starting point a cooperation agreement and the transposition to the Brazilian context of the questionnaire created by Spanish researchers called Escala de Actitudes Hacia la Igualdad de Género en el Fútbol Escolar, divided into a part that collects sociodemographic data, and others three blocks: sociocultural, relational and perceived motor competence, using the Likert scale. We established as a general objective of our work the analysis of opinions, positions and attitudes of students in the final years of Elementary School and High School in relation to gender equality in football in the school environment and high performance. From this, the specific objectives emerge (1) to categorize the profiles of the research participants into groups/*clusters* based on their responses; (2) establish categories of analysis based on the “sociocultural” block of statements from the EAIGFU questionnaire and analyze how each group of participants positions itself in relation to each theme. (3) To analyze the behavior of the participants relating the answers obtained in the sociocultural block with the answers in the “relational” and “perceived driving competence” blocks of the EAIGFU questionnaire. (4) Point out potential studies or lines of research on the topic or similar topics that can contribute to this category of research and to the understanding we have about football at school, mentioned above. This research is a descriptive and correlational study, which used a research technique called “snowball sample”. The collection took place during the year 2019 and we obtained 187 questionnaires answered by children and adolescents between 12 and 18 years old. To analyze the data obtained, we used statistical software called Statistical Package for Social Sciences and performed the following steps: (1) grouping the participants' profiles into *clusters* (groupings); (2) characterization of *clusters* based on sociodemographic indicators; (3) thematic categorization of the sociocultural block and analysis of *clusters* by thematic category; (4) analysis of relational blocks and perceived motor competence. We noticed structural issues related to the students' perception of the manifestation of sexism in the classroom environment or in the high performance environment, depending on the characteristics of each *cluster*, where one of them, labeled as the most sexist *cluster*, was composed of more boys and students from public schools and the other, identified as more egalitarian, had mostly girls and students from private schools. Based on the results and reflections, we realized the importance of future studies contemplating plural masculinities and femininities and/or the intersectionality between the category gender and race/ethnicity, class, among others. Therefore, multiple and comprehensive looks at the manifestations of identities

are important for the structuring of a football where marginalized groups can assume the leading role of the practice, appropriating a strong and rooted element in Brazilian culture.

Key words: School football. Gender. Perception. Equality. Sexism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Avatar <i>Cluster 1</i>	25
Figura 2 – Avatar <i>Cluster 2</i>	26
Figura 3 – Avatar <i>Cluster 3</i>	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Afirmação 1 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	28
Tabela 2 – Afirmação 3 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	29
Tabela 3 – Afirmação 9 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	30
Tabela 4 – Afirmação 10 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	31
Tabela 5 – Afirmação 11 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	32
Tabela 6 – Afirmação 13 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero).....	32
Tabela 7 – Afirmação 2 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização).....	34
Tabela 8 – Afirmação 4 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização).....	35
Tabela 9 – Afirmação 5 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização).....	36
Tabela 10 – Afirmação 12 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização).....	37
Tabela 11 – Afirmação 6 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)....	39
Tabela 12 – Afirmação 7 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)....	40
Tabela 13 – Afirmação 8 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)....	40
Tabela 14 – Afirmação 14 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)...	41
Tabela 15 – Afirmação 15 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)...	42
Tabela 16 – Afirmação 16 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)...	43
Tabela 17 – Afirmação 17 (bloco relacional).....	45
Tabela 18 – Afirmação 18 (bloco relacional).....	45
Tabela 19 – Afirmação 19 (bloco relacional).....	46
Tabela 20 – Afirmação 20 (bloco relacional).....	47
Tabela 21 – Afirmação 21 (bloco competência motriz percebida).....	48
Tabela 22 – Afirmação 22 (bloco competência motriz percebida).....	49

Tabela 23 – Afirmação 23 (bloco competência motriz percebida).....	49
Tabela 24 – Afirmação 24 (bloco competência motriz percebida).....	50
Tabela 25 – Afirmação 25 (bloco competência motriz percebida).....	51
Tabela 26 – Afirmação 26 (bloco competência motriz percebida).....	51
Tabela 27 – Afirmação 27 (bloco competência motriz percebida).....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PROFUT	Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol
UCLM	Universidade Castela-Mancha
EAIGFU	Escala de Actitudes Hacia la Igualdad de Género em el Fútbol Escolar
CND	Conselho Nacional de Desportos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
SPSS	Statistical Pachage foi Social Sciences

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1 CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	18
2.2 SEXISMO ESTRUTURAL.....	22
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	24
2.3.1 Os caminhos da Educação Física escolar.....	24
2.3.2 Futebol e Gênero na Educação Física escolar.....	28
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO EM QUE AS PESQUISA SE INSERE.....	31
3.2 DELIMITAÇÃO DO TIPO DE PESQUISA.....	32
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	32
3.4 DELIMITAÇÃO DA AMOSTRA DA PESQUISA E PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS.....	33
3.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	35
3.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	36
4. RESULTADOS.....	37
4.1 CARACTERIZAÇÃO.....	37
4.1.1 <i>Cluster 1</i>	37
4.1.2 <i>Cluster 2</i>	38
4.1.3 <i>Cluster 3</i>	39
4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	40
4.2.1 Bloco sociocultural	40
4.2.2 Identidade de Gênero	41
4.2.3 Profissionalização	47
4.2.4 Desempenho esportivo	52
4.2.5 Bloco “relacional” e “competência motriz percebida”	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXO – A.....	75

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca investigar a percepção de alunos e alunas entre 10 e 18 anos sobre questões concernentes à sensibilidade para a igualdade de gênero no cenário do futebol, considerando que tal cenário abarca desde seu contexto no alto rendimento até a prática do futebol escolar. É importante considerar o fato dos/as alunos/as praticarem o futebol em quadras na maior parte das escolas do país, aproximando-se muitas vezes do futsal. Nesse sentido, essa prática será abordada no estudo como “futebol escolar” pois consideramos que o futebol é uma categoria que engloba o futsal, afirmação que se sucede nas aulas quando as/os alunas/os mimetizam o futebol de alto rendimento na prática do futsal, utilizando suas regras, comemorações, passes, entre outros elementos, e além disso tendo como referência os/as jogadores/as de futebol de alto rendimento.

A motivação do estudo surge principalmente do interesse despontado durante minha trajetória de vida em assuntos relacionados ao futebol, inicialmente de alto rendimento e que, com o passar do tempo e do ingresso no curso de Licenciatura em Educação Física, incorporou também o interesse por assuntos que relacionavam futebol e Educação.

Nesse contexto, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol (ProFut) e por meio dessa aproximação, nos anos de 2018 e 2019, participei de atividades relacionadas ao futebol em diversas perspectivas, nas interfaces com as Ciências Humanas, sobretudo, com a Educação, além dos encontros do grupo, em que eram utilizados textos, filmes e outros tipos de produções para promover discussões sobre o futebol em diversos contextos e sob diversas lentes de investigação e/ou discussão.

Durante o primeiro semestre do ano de 2019 o Prof. Dr. Pedro Gil Madrona, professor titular do Departamento de Didática da Expressão Plástica, Musical e Corporal, da Faculdade de Educação de Albacete, da Universidade Castela-Mancha (UCLM) localizada na Espanha, entrou em contato com o Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior, professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, da Universidade Federal de São Carlos e coordenador do grupo de estudos ProFut. Nesse contato, o professor Madrona apresentou uma proposta de parceria, buscando “estabelecer uma relação entre as partes utilizando diversas formas de cooperação no

âmbito da formação acadêmica, desenvolvendo atividades conjuntas de pesquisa e proporcionando cooperação mútua para melhorar os processos educacionais e científicos” em um estudo chamado “Actitudes hacia la igualdad de género en el fútbol escolar”, conduzido pelo mesmo. Após as tramitações internas de ambas as universidades foi assinado em 16 de julho de 2019 um acordo de cooperação entre as universidades supracitadas.

Portanto, a partir dessa aproximação, que se mostrou alinhada com nossa perspectiva de pesquisa, surgiu a possibilidade de realizarmos um estudo utilizando o questionário criado pelos pesquisadores espanhóis e por eles denominado *Escala de Actitudes Hacia la Igualdad de Género em el fútbol Escolar* (EAIGFU), aplicando-o em diversas escolas da cidade de São Carlos, no estado de São Paulo, cujos objetivos serão descritos no tópico seguinte deste texto.

Partindo dessa contextualização, pretendemos tomar como ponto de partida a análise da Educação Física Escolar, mas não restringir nosso universo de pesquisa a este componente curricular.

Refletindo sobre o cenário das aulas de Educação Física, percebe-se uma predominância do esporte, importante conteúdo da cultura corporal de movimento, mas que assume um protagonismo desproporcional nessas aulas em detrimento de outras práticas corporais. O esporte enquanto sinônimo das aulas de Educação Física Escolar ganha maiores dimensões em um conceito de aulas moldado em meados de 1964, período com forte característica militarista, contexto em que o governo percebeu nessa prática potencialidades para “fomentar um ambiente de desenvolvimento e ao mesmo tempo ‘mascarar’ os problemas internos” (BARROSO; DARIDO, 2006).

No contexto apresentado, ainda se observa um predomínio do futebol presente dentro da hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física, ou seja, a abordagem do esporte utiliza o futebol como principal ferramenta. Nos anos 1960, o ensino do esporte, que já era presente nas aulas de Educação Física, passa a ser tratado como conteúdo principal e por vezes exclusivo, marcado ainda por um cenário de exclusão de alunos/as. Apesar de muito tempo ter se passado desde aquela década, atualmente ainda estão presentes traços desta cultura esportiva pautada no futebol nas aulas. Cultura esta que, como dito anteriormente, se apresenta exclusiva e excludente em diversos aspectos, sendo um deles e muito característico, a menor participação das

meninas nas aulas de Educação Física se comparada à participação dos meninos (UCHOGA; ALTMANN, 2016).

Outro dado importante e que pode contribuir na compreensão dos fatores que envolvem as relações de gênero nas aulas de Educação física é o fato de que muitos pais e mães não enxergam a prática do futebol/futsal escolar pelas meninas como positiva (SOUZA JUNIOR, 2003).

Tratando sobre o futebol em seu contexto de alto rendimento, a literatura apresenta inúmeros registros da consolidação do esporte e do futebol em especial como uma instituição demarcada por valores de uma masculinidade hegemônica. Castellani Filho (1988) é um dos estudiosos que evidenciam esse quadro, ao analisar as leis impostas pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) as quais dispunham as seguintes interdições para a prática dos esportes por mulheres:

Deliberação – CND – N.º 7/65

N.º 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N.º 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 62-63).

Ainda segundo Castellani Filho (1988), esta lei foi revogada, pelo CND somente no ano de 1979, a partir de um caso ocorrido no judô, que abriu precedentes para que as outras modalidades pudessem ser praticadas pelas mulheres. No entanto, mesmo com a regulamentação de uma maior flexibilidade de práticas esportivas para as mulheres, o futebol só teve sua prática efetivamente autorizada e regulamentada para as mulheres a partir de 1983 (SOUZA JÚNIOR, 2013; SILVA, 2017).

Conseqüentemente, ao tratarmos sobre o futebol, questões sobre desigualdade de gênero estão presentes nos mais diversos contextos, desde o alto rendimento até o escolar, onde se fazem evidentes em diversos momentos das aulas. Nesse sentido, destaca-se a importância de tratar essas questões enquanto temas articulados ao conteúdo curricular futebol.

O termo gênero e as discussões que o permeiam ganharam destaque no estudo, portanto dedicaremos o primeiro capítulo da revisão de literatura para

contextualizar o/a leitor/a quanto às discussões sobre gênero sob as quais orientamos nossa perspectiva sobre o assunto.

A partir das leituras e reflexões, assumimos que esta pesquisa apresenta potencialidades para a ampliação das reflexões sobre relações de gênero no futebol a partir da percepção de alunos/as sobre este esporte em seus mais diversos níveis. Além disso, é possível, por meio desta pesquisa, relacionar a categoria gênero com outras variáveis tais como idade, escolaridade, biotipo, número de irmãos/irmãs entre outras possíveis, e assim identificar perfis que apresentam respostas que possam indicar inclinações mais alinhadas com ideais igualitários ou sexistas.

Porém, de acordo com as limitações encontradas pela pesquisa, pelo contexto e pelos pesquisadores, temos como principal inquietação a possibilidade de verificar por meio de um questionário estruturado que versa sobre a relação das mulheres com o futebol, a forma como as opiniões de estudantes os/as aproximam de perfis mais alinhados com as perspectivas igualitária ou sexista em relação ao marcador de gênero. Assim, nossa pergunta de pesquisa pode ser resumida da seguinte forma: é possível identificar o sexismo ou igualitarismo de estudantes a partir de suas opiniões expressadas sobre o futebol de mulheres em um questionário estruturado?

Essa questão surge a partir da hipótese de que as opiniões das pessoas sobre a prática do futebol por mulheres pode ser reveladora de atitudes relacionadas à sensibilidade à igualdade de gênero.

Diante de todas essas questões o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar as opiniões, posicionamentos e comportamentos de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em relação à igualdade de gênero no futebol desde o ambiente escolar ao alto rendimento.

Em coexistência com o objetivo geral mencionado, surgem objetivos específicos, que se mostram possíveis caminhos que a pesquisa pretende percorrer. São eles: (1) categorizar os perfis dos/as participantes da pesquisa em grupos/*clusters* a partir de suas respostas; (2) estabelecer categorias de análises a partir do bloco “sociocultural” de afirmações do questionário EAIGFU e analisar como cada grupo de participantes se posiciona diante de cada tema. (3) Analisar o comportamento das/os participantes relacionando as respostas obtidas no bloco sociocultural com as respostas dos blocos “relacional” e de “competência motriz percebida” do questionário EAIGFU. (4) Apontar potenciais estudos ou linhas de pesquisa sobre o tema ou temas semelhantes que podem

contribuir com essa categoria de pesquisa e com a compreensão que temos sobre o futebol na escola, citada acima.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Corpo, gênero e sexualidade

As primeiras publicações que trataram sobre gênero, na área da Educação Física surgiram na década de 1980, quando estudos europeus e estadunidenses, principalmente inseridos na área das ciências humanas, foram apropriados por acadêmicos da área da Educação Física. Neste momento, existiam diversas linhas de estudos sobre o assunto, porém a maioria delas convergia em desconstruir uma argumentação de que as diferenças entre homens e mulheres eram justificadas por aspectos anatômicos e fisiológicos, discurso por vezes presente na Educação Física desde o nível das primeiras séries escolares, até o nível do ensino superior (GOELLNER, 2013).

Ainda situados no final do século XX, o uso do gênero como categoria de análise se faz cada vez mais presente nos estudos sobre o assunto. Esse termo tem suas origens aliadas a correntes de estudos feministas, buscando maior aporte teórico para refletir e explicar a desigualdade entre homens e mulheres (SCOTT, 1995).

Partindo deste tratamento do gênero enquanto categoria de análise, é importante refletir sobre seu papel dentro de redes de poder presentes na sociedade, em que o componente biológico é o parâmetro utilizado para sustentar argumentos infundados que contribuem para um complexo panorama de exclusão e/ou a inclusão de indivíduos e grupos. Portanto, culturalmente e imersos em uma relação de poder, são constituídos os masculinos e femininos na nossa sociedade e essas construções “apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação” (GOELLNER, 2013, p. 25).

A partir deste cenário, uma das idealizadoras do conceito de gênero como uma categoria de análise histórica, Joan Scott (1995), define gênero a partir de duas perspectivas, quais sejam, gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Este sistema de relações de poder que define as relações de gênero na sociedade é o principal conceito utilizado pelo feminismo contemporâneo para compreender como estas diferenças e a manutenção da dominação operam e assim caminhar em um sentido de combater a dominação exercida pelas classes dominantes.

Hooks (2020) afirma que esta linha do movimento feminista enfrentou conflitos principalmente com o feminismo reformista. A autora afirma que este, que tem

seu foco na igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho – não que esta não seja importante – ofuscou as origens do feminismo contemporâneo, que defendia uma reestruturação da sociedade em geral na tentativa de que esta fosse fundamentalmente antissexista.

A autora explica que mulheres – principalmente brancas e privilegiadas economicamente – deixaram de considerar pontos da luta do feminismo revolucionário quando o poder econômico dentro da estrutura social vigente passou a ser alcançado. Formaram-se, assim, relações, que nas palavras da autora, eram parasíticas e ofuscaram questões de racismo, nacionalidade e gênero no neocolonialismo contemporâneo. Nesse momento os estudos e a luta do feminismo contemporâneo passam a considerar questões de classe e raça (HOOKS, 2020).

A linha de estudos citada anteriormente contribuiu para uma ampliação da compreensão sobre os estudos de gênero e, conseqüentemente, possibilitou que estes estudos fossem aprofundados, servindo como uma categoria para discutir e relacioná-lo com outras linhas de pesquisa. Portanto é a partir destes referenciais que outras/os autoras/es elaboram seus trabalhos utilizando o gênero como categoria de análise.

Alinhados a estes estudos sobre gênero, entendemos que esta categoria abarca, para além da relação entre homens e mulheres, as diversas manifestações de normas e convenções sociais que compõem a identidade do sujeito.

Com base nos estudos de Judith Butler, Dornelles (2013) discorre sobre um dos fatores que constituem a identidade do sujeito no que tange ao gênero; a relação entre o sexo (tido como um produto natural) e gênero (tido como um produto cultural) e aponta para uma subsistência binária garantida pelo “funcionamento da normal”, ou seja o sexo é tido como essencial na manutenção desse “regime poder-saber”. Dessa forma, o sexo é encarado como base naturalizadora e propositiva do gênero, justificando, assim, a importância em desconstruir esses papéis sexuais.

Segundo Butler (2008, citada por DORNELLES, 2013, p. 40):

Essa produção constringida funciona ligando a categoria sexo com a da identidade; haverá dois sexos, distintos e uniformes, e eles vão se expressar e se tornar evidentes no gênero e na sexualidade de modo que qualquer manifestação social de não identidade, descontinuidade, ou incoerência sexual, será punida, controlada, repudiada, reformada.

Nota-se, de acordo com Lauretis (1994) que estas diferenças entre os sexos existem e constituem a noção de gênero, mas não são universais e não podem ser

encaradas como ponto de partida para analisar. As condições sociais como as de raça e classe são tão importantes quanto para compreender a constituição do gênero.

Sobre o processo de construção das identidades anteriormente citadas, Poletto e Kreutz (2014) afirmam que em consonância com o fato da sociedade moderna se tornar mais complexa, a identidade do ser humano também é modificada, sendo constituída dentro dessas novas estruturas. Portanto, as relações que o sujeito constrói são o que estabelecem a identidade do mesmo. Esse processo pode ser chamado de descentramento do sujeito sociológico e evidencia o aspecto de que toda identidade é móvel e possivelmente redirecionada, ou seja, esse processo se aproxima mais de uma identificação do que de uma identidade em si.

Ribeiro (2020) defende que:

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica.

Dessa forma, as experiências identitárias ocorrem de forma singular para cada sujeito, porém sempre estão atreladas às relações de poder ali contidas e, considerando esta matriz de dominação e como ela é construída, o conceito de imagens de controle, elaborado por Patricia Hill Collins torna-se importante de ser compreendido.

Bueno (2019) utiliza a obra de Patricia Hill Collins como a principal obra de sua dissertação e parte da seguinte reflexão para explorar o conceito: “as imagens de controle são centrais para pensar na superioridade racial a partir da opressão de gênero como uma questão estrutural”.

A partir da noção de que as imagens de controle são operadas pelo grupo dominante visando a manutenção de sua superioridade, essas imagens são dinâmicas e manipulam a significação atribuída às mulheres negras a partir de seus interesses e não do que elas dizem sobre si mesmas. Sobre isso, Hooks (2020) é objetiva ao afirmar que “o movimento antiescolha é fundamentalmente antifeminista”.

Ribeiro (2020, p.63) complementa esse ponto de discussão afirmando que:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. (...) o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir.

Portanto a manipulação das narrativas sobre o cotidiano das mulheres negras e, em diferente escala, das mulheres de forma geral, por parte do grupo dominante intenciona culpabiliza-las pelas condições em que vivem. É nesse momento que a linguagem assume um papel importante na manutenção das redes de poder.

Especialmente no espectro em que esta pesquisa se insere, a linguagem assume uma grande importância pois pode servir de mecanismo para a conservação das opressões ao invés de criar espaços de compartilhamento, ou seja, pode se tornar um obstáculo para uma educação transgressora.

Hooks (2017, p. 18) aponta que “(...) qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas”.

Em seu livro a autora busca propor reflexões sobre uma educação revolucionária e transgressora e para isso discorre sobre sua experiência pedagógica desde aluna à professora universitária e utiliza principalmente a obra de Paulo Freire.

Hooks (2017) afirma que a voz da/o professor/a deve dialogar com o mundo externo à sala de aula e objetivar proporcionar espaços de criação de focos de resistência, tendo consigo a noção de que nenhum movimento de educação pode ser destrelado à política e é no dia a dia, nas pequenas decisões, gestos, falas e atitudes que este comunica a decisão política que está tomando.

Portanto, essa constituição do sujeito deve ser encarada a partir da ótica cultural/histórica, ou seja, sob a perspectiva de que esses processos tratam sobre a maneira como cada sujeito se apropria de elementos que constituem a sua identificação. Nesse sentido, o papel pedagógico do/a professor/a se faz evidente e essencial ao encararmos o ambiente escolar como mais um dos espaços em que esses processos identitários são constituídos.

Portanto, o ponto chave não se trata de negar a existência e a influência da questão biológica, trata-se de compreender de que maneira essas diferenças biológicas são utilizadas como justificativa para fatores que são culturalmente construídos e arbitrariamente manipulados, ou seja, o quanto e como o produto natural influencia no processo da constituição da identidade de gênero nas pessoas e a consequente criação da matriz de dominação e manutenção do poder por parte das classes dominantes. A partir dessa compreensão, torna-se possível refletir sobre as práticas pedagógicas, possibilitando uma oferta maior de oportunidades para que alunas/os possam expressar

suas respectivas identidades de maneira livre e autêntica, visando um ato educacional democrático e libertador.

O escopo do presente estudo não nos permite estabelecer análises que problematizem questões interseccionais que articulem categorias como gênero e raça, no entanto, consideramos oportuno trazer para nossas discussões referenciais do feminismo negro que ampliam o olhar e já sinalizam para novas camadas de análise que podem se somar às aqui tecidas.

Ademais, também não temos a pretensão de avançar significativamente nas reflexões sobre os potenciais processos educativos subjacentes aos posicionamentos identificados e problematizados oportunamente em nossas discussões dos resultados dos questionários. No entanto, não podemos nos furtar da responsabilidade de anunciar que tais análises podem se constituir em terreno fértil para o desenvolvimento de pesquisas no campo da Educação.

2.2 Sexismo estrutural

A palavra “sexismo” é definida, em dicionário online da língua portuguesa, como “preconceitos e discriminação que se baseiam no sexo.” (SEXISMO, 2021). De forma complementar e ampliando os sentidos e significados vinculados ao termo, no dicionário crítico organizado por Colling e Tedeschi (2019) o sexismo aparece como diretamente ligado a atitudes negativas ou preconceitos dirigidos às mulheres, ou seja, o sexismo surge a partir de um ambiente de depreciação e desqualificação e é resultante das relações de poder construídas entre homens e mulheres durante a vida e, portanto, é tido como cultural.

À luz dos estudos citados no capítulo anterior, a presente pesquisa irá utilizar o termo “sexismo” quando a intenção for tratar tanto de preconceitos baseados no sexo quanto no gênero. Além disso, não pretendemos limitar nossas análises sob a perspectiva da investigação de comportamentos individuais sexistas e sim construir uma pesquisa que explore as opiniões sexistas como uma questão estrutural.

A partir desta intenção recorreremos aos estudos de Almeida (2019) sobre como o racismo estrutural é constituído na nossa sociedade e então identificamos um paralelo com as questões que envolvem o sexismo.

O autor classifica o racismo em três tópicos: individual, institucional e estrutural. Sob o ponto de vista do primeiro tópico, o racismo se manifesta por meio de

indivíduos ou grupos e é revelado em atitudes discriminatórias diretas. Já o racismo institucional é um reflexo da organização e funcionamento das instituições que estabelecem diferentes oportunidades com base na raça.

Esta segunda classificação se aproxima de uma perspectiva que dialoga de maneira mais direta com a manifestação do sexismo, pois ela trata o poder como central na relação, ou seja, o racismo acontece como uma forma de dominação e manutenção do poder por parte do grupo racial hegemônico. Entretanto a partir do momento que consideramos estas instituições como derivantes de uma estrutura social, surge o racismo estrutural, reforçando a noção de que as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019 p. 32)

Assumir tanto o racismo quanto o sexismo como estruturais implica em uma necessidade de que as escolas tratem a questão de maneira ativa, ou seja, um dos papéis da escola, política, comunidade e, principalmente professores/as, deve ser proporcionar espaços e ou mecanismos institucionais para que as práticas sexistas não sejam naturalizadas.

Sobre esse assunto, Almeida (2019, p. 40) traz uma importante afirmação

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo.

Essa passagem, que pode ser interpretada de maneira muito semelhante ao refletirmos sobre o sexismo, reforça a noção de que não manifestar opinião ou não se posicionar também diz respeito a uma posição política por parte do sujeito e, portanto, se diante de atitudes que reforçam a desigualdade de gênero, quando professores/as, crianças, meios de comunicação, políticos/as ou qualquer indivíduo opta por permanecer neutro/a, este/a estará contribuindo para relações desiguais.

Assim, o sexismo perpassa pelas relações humanas e não necessariamente se manifesta de forma consciente e, portanto, é parte de relações sociais que são a todo momento reproduzidas e reforçadas por instituições como escolas, mídia, igrejas, partidos políticos, clubes, movimentos sociais, forças armadas etc., demandando uma atenção por parte de todas/os, cabendo, neste sentido, destacar a importância da implementação de políticas públicas que fomentem a educação para as relações de gênero com vistas à equidade.

2.3 Educação física escolar, futebol e relações de gênero

2.3.1 Os caminhos da Educação Física escolar

O papel atribuído à Educação Física desde o início do século XIX foi o de construir um indivíduo mais forte e saudável. Em consonância com o momento em que o país se encontrava, ou seja, deixando de ser uma colônia portuguesa e passando a constituir sua própria história. Com o passar do tempo, portanto, os ideais higiênicos foram se fazendo cada vez mais presentes no contexto da Educação Física, plano este que estava inserido na política populacionista elaborada pelo Estado Nacional (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 30).

Nota-se que desde sua origem a Educação Física tem sua consolidação e existência baseada em preceitos biológicos. Isso refletiu na introdução da disciplina nas escolas, que inicialmente se deu com um movimento de educadores/as que defendiam a introdução da ginástica nos colégios. A partir disso ganha força a ideia higiênica associada à Educação Física e, além disso, a concepção de que a Educação Física poderia ser utilizada como uma ferramenta para moldar concepções das pessoas para além das práticas físicas em si, ou seja, como um instrumento moralizador.

Castellani Filho (1988, p. 43) afirma que a concepção que estimulava a participação das mulheres era que elas deveriam ter um corpo mais saudável para que fossem capazes de gerar filhos mais saudáveis, filhos estes que estariam mais preparados para defender a nação (homens) e se tornar mães mais “robustas” (mulheres).

Castellani Filho (1988, p. 44) destaca o fato de que, a partir desses ideais higienistas cada vez mais consolidados e justificados principalmente pelos estudos de Fernando de Azevedo e Rui Barbosa, construía-se estereótipos masculinos e femininos com um objetivo a ser alcançado. Além disso, também é importante refletirmos que em nenhum momento, nos estudos de nenhum dos dois, a figura da mulher esteve dissociada do papel de mãe. Essa correlação reflete uma concepção de enxergar a mulher a partir da imagem de seu corpo.

Após esse período, o Brasil passou por uma fase, entre 1930 e 1950 de transformações. Caminhando de uma sociedade agroexportadora para uma sociedade urbano-industrial. As características da sociedade brasileira eram produto de ideais principalmente do Estado Novo, que consistiam basicamente em: exaltação da nacionalidade, críticas ao liberalismo, anticomunismo e valorização do ensino profissional. Dessa forma, a educação buscava ser instrumentalizada e, como

consequência, duas disciplinas, principalmente, assumem o papel de dar a conotação desejada pelo governo às práticas educacionais. São elas: Educação Física e Educação Moral e Cívica. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 66)

O decreto de lei n. 2072, de 8 de março de 1940, nos ajuda a compreender os papéis exercidos por essas duas disciplinas:

Parágrafo único – (...) Às mulheres dará, de modo especial, a consciência dos deveres que as vinculam ao lar, assim como o gosto dos serviços domésticos, principalmente dos que se referem à criação e à educação dos filhos.

Artigo 4º - A Educação Física a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da ginástica e dos desportos, terá por objetivo não somente fortalecer a saúde das crianças e dos jovens, tornando-os resistentes a qualquer espécie de invasão mórbida e aptos para os esforços continuados, mas também dar-lhes ao corpo, solidez, agilidade e harmonia.

Parágrafo único – Buscará ainda a Educação Física dar às crianças e aos jovens os hábitos e as práticas higiênicas que tenham por finalidade a prevenção de toda a sorte de doenças, a conservação do bem-estar e o prolongamento da vida (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 71).

Após o fim do Estado Novo e início do período da ditadura militar, a Educação Física ganhou caráter tecnicista e passou a corresponder a uma demanda da classe dirigente na questão do “desenvolvimento” e da “segurança”. Lembrando que esse binômio “segurança e desenvolvimento” era um dos princípios da Doutrina de Segurança Nacional, defendida pelos militares e civis que eram a favor do movimento de 1 de abril de 1964 (CASTELLANI FILHO, p. 90).

Bracht e Almeida (2003) traçam a associação entre Estado e esporte a partir da década de 1970 fortemente ligadas a ideais neoliberais, ou seja, o esporte utiliza o discurso de promoção da saúde para buscar sua legitimidade e apoio financeiro e se aproxima de um modelo mercantil. A partir disso a Educação Física é incorporada ao ambiente escolar como uma espécie de preparação para o esporte de alto rendimento, solidificando um modelo semelhante ao de uma pirâmide, onde a escola se constitui como base da mesma.

Nesse momento chegamos na década de 1980, que foi marcante para área e ficou conhecida como a ‘crise da Educação Física’. O uso da Educação Física e dos esportes com um viés nacionalista na década de 1970 somado aos fracassos esportivos na década seguinte colocaram a área em uma crise de identidade e isso refletiu em significativas mudanças nas questões educacionais. É nesse momento em que surgem e ganham força diversas abordagens que conferem à Educação Física um caráter mais

pedagógico, em detrimento do alto rendimento e de conceitos eugênicos, higiênicos ou militares dentro do ambiente escolar.

Como consequência, os conteúdos da Educação Física começaram a ser revistos, a própria área também passou a abarcar estudos de natureza social, psicológica, afetiva, entre outros. Um marco para essa mudança de paradigma refere-se à Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996) – lei que ficou conhecida como LDB 9.394/96– por meio da qual a Educação Física adquire o status de componente curricular da Educação Básica, superando sua condição de atividade anteriormente vigente.

Na esteira dessas transformações, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem uma breve descrição do cenário em que a Educação Física se encontrava na década de 1990, período posterior à crise e de intensa (re)construção.

Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação para a área e a aproximado das ciências humanas, e, embora contenham enfoques científicos diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano. (BRASIL, 1997, p. 21)

Os PCN foram elaborados como um documento que tinha a intenção de catalisar as diferentes maneiras de enxergar a Educação Física e servir como um referencial para professoras/es que se encontravam mais distantes das linhas pedagógicas que vinham se consolidando principalmente em âmbito acadêmico. Portanto, dessa forma, o documento é flexível e proporciona autonomia para que cada contexto sociocultural dele se aproprie da forma que for mais adequada.

Em decorrência das orientações impostas tanto pela LDB 9.394-96 como pelos próprios PCNs, no início dos anos 2000, os estados e municípios passam a elaborar suas propostas curriculares, adotando distintos níveis de aprofundamento do tratamento didático-pedagógico dos conteúdos do rol de componentes curriculares que compunham o sistema educacional. Embora seja importante reconhecermos a relevância desses diversos documentos que foram elaborados depois dos PCNs, nos dedicaremos a refletir e contextualizar o/a leitor/a sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na medida em que esta é o documento que materializa em nível nacional a política pública que se esperava para a organização de um currículo mínimo como continuidade do movimento iniciado nos finais dos anos 1990 pelos PCNs.

A primeira versão da BNCC, publicada em 2015, apresenta conceitos que justificam a Educação Física nas escolas de uma maneira mais ampla quando comparada às suas origens. Nesse primeiro documento, percebemos uma abordagem em constante diálogo com as ciências humanas, buscando um tratamento “dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório para as práticas corporais, entendidas como um fenômeno cultural dinâmico” (BRASIL, 2015, p. 95).

Portanto, percebe-se que a referência para a elaboração dos conteúdos da Educação Física presentes na BNCC são as práticas corporais. Na primeira versão do documento, estas são organizadas alicerçadas nas seguintes manifestações da cultura corporal: brincadeiras e jogos; esportes; exercícios físicos; ginásticas; lutas; práticas corporais alternativas; práticas corporais de aventura; práticas corporais rítmicas (BRASIL, 2015 p. 96).

Na versão final da BNCC, publicada em 2018, houve diversas mudanças em todas as disciplinas em relação à primeira versão, publicada em 2015. A Educação Física, inserida na área de linguagens, tem suas práticas corporais orientadas por cinco unidades temáticas, sendo elas: Brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas e práticas corporais de aventura.

Este conteúdo ainda é organizado em objetos de conhecimento, que representam subdivisões das unidades temáticas. O conteúdo esporte, por exemplo, apresenta como objetos de conhecimento esportes de precisão, esportes de marca, esportes de invasão, entre outras classificações. Já a ginástica apresenta a ginástica de condicionamento físico, a ginástica de conscientização corporal e a ginástica geral. Essa organização está presente nas seis unidades temáticas propostas pela BNCC (BRASIL, 2018).

Mesmo com a consolidação destes parâmetros e documentos que orientam a prática pedagógica, a Educação Física é influenciada por sua história, seja por parte da prática docente ou por parte da concepção que a sociedade apresenta sobre a disciplina. Portanto, a prática permanece pautada grande parte em um discurso biológico e tecnicista, porém estes documentos nos permitem concluir que a mesma tem sido pensada em uma abordagem cultural, onde novas formas de expressão e identidades são possibilitadas, colocando discussões de gênero em pauta e as consolidando como fundamentais no processo.

E ainda que o ensino do futebol, tema desta pesquisa, apresente características marcantes da história da Educação Física e conseqüentemente um discurso

tecnicista e biológico, estas mudanças em relação ao conteúdo, à prática pedagógica e às concepções da área permitem que sujeitos antes invisibilizados/as e silenciadas/os nesse cenário expressem suas identidades, originando e fortalecendo a prática do esporte por grupos como mulheres, homossexuais e transexuais.

2.3.2 Futebol e gênero na Educação Física escolar

Como relatado no capítulo anterior, a participação nas aulas de Educação Física foi construída baseada em conceitos de eugenia e com a separação por sexo das turmas amparada por lei. Processo que começou a ser revisto na década de 1990.

Souza Júnior (2003, p. 53) afirma que “por força do processo de transmissão cultural, reforçam-se os preconceitos colaborando para que as meninas não tenham as mesmas experiências dos meninos [...]”. Esta afirmação nos permite enxergar relações de gênero presentes na aula de Educação Física nos dias atuais - tanto entre as/os próprias/os alunas/os quanto entre professoras/es e alunas/os – como, de maneira sucinta, uma consequência de fatores históricos e culturais.

Para uma investigação mais profunda das mudanças ocorridas desde o período citado anteriormente, até os dias atuais, recorreremos a estudos como os de Souza Júnior (2003), Uchoga e Altmann (2016), Jaco e Altmann (2016) e Vianna, Moura e Mourão (s.d.), que destacam alguns fatores que permeiam a maneira como as relações de gênero se fazem presentes nas aulas de Educação Física.

Um primeiro aspecto a ser considerado nesse cenário, diz respeito à separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Essa separação, mesmo que não mais amparada por lei, continua presente nas aulas, e “se justifica em nome de determinadas concepções das possibilidades do corpo diante o movimento, percebidas como distintas para homens e mulheres” e, portanto, é pautada em um discurso biológico baseado no sexo e que, por vezes, desconsidera o aspecto cultural (UCHOGA, ALTMANN, 2016).

Souza Júnior (2020, p. 155) afirma que o motivo que legitima a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física é pautado em aspectos biológicos, ou seja, por ser uma fase de transformação dos corpos a tendência do/a professor/a é seguir o caminho que lhe trará menos desafios e, portanto, opta por realizar a separação. Dessa forma, o autor identifica uma necessidade de adaptação por parte de professores/as para trabalhar com turmas mistas e, a partir disso, é papel das/os mesmas/os incentivar um

ambiente acolhedor e de respeito em suas aulas de forma que meninos e meninas convivam em conjunto e aprendam valores que constituam uma formação cidadã.

Além disso, apesar de serem cada vez mais raros os relatos sobre a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física, o fato da separação ocorrer com menor frequência não deve ser encarado como um sinônimo de participação igualitária nas aulas e a mediação do/a professor/a se faz

Sobre a participação dos/as alunos/as nas aulas, Jaco e Altmann (2016) afirmam que tal lógica é pautada em um ponto de vista equivocado que analisa se a/o aluna/o está ou não participando das atividades, “sem atentar-se para as diversas outras maneiras de estar a margem do processo de ensino aprendido”. As autoras identificaram três fatores como os mais relevantes. São eles: o apoio social da família; práticas corporais vivenciadas fora da escola e diferentes entendimentos sobre as práticas corporais para meninos e meninas. A conclusão apresentada é a de que os meninos assumiram um papel de protagonismo nas aulas de Educação Física pelo fato de que as mesmas privilegiavam momentos de práticas de esporte e demonstração de “habilidades”¹ e, portanto, os meninos, que já haviam vivenciado essas práticas fora do ambiente escolar, obtiveram um maior destaque.

Um fator relevante para compreendermos as relações de gênero nas aulas diz respeito às competências táticas e técnicas dos/as alunos/as nas diferentes práticas corporais, especialmente nos esportes, que muitos, equivocadamente, referem-se simplesmente como “habilidade”. Vianna, Moura e Mourão (s/d), em estudo no qual analisaram cinco produções acadêmicas da área da Educação Física, publicadas entre 1990 e 2004, identificaram a “habilidade” como um forte fator de exclusão nas aulas.

Dessa forma o papel do/a professor/a se faz essencial, pois a “habilidade”, apesar de tida como um fator de exclusão, pode também servir como um “fator de desestabilização de uma ordem de gênero vigente durante as situações de jogos mistos” (UCHOGA, ALTMANN, 2016, p. 167).

Altmann (1998) ainda aponta para a competição que se mostra intensamente presente nas aulas de Educação Física, principalmente quando se trata dos esportes. Os mais “hábeis” são mais aceitos e, dessa forma, em concomitância com a

¹ Utilizamos o termo habilidade como categoria de análise para um conjunto de competências, habilidades e capacidades que abarcam aspectos táticos, técnicos, físicos e psicológicos determinantes para se atribuir o status de sucesso ou fracasso aos estudantes, entendemos que o termo é impreciso para referir-se a tal categoria, mas, ao mesmo tempo, consideramos que detém de relativo consenso tácito de significado no imaginário social.

“habilidade”, temos fatores como idade e gênero. Cabe ressaltar que quando indicamos a competição como um dos pontos de conflito nas aulas, não estamos assumindo que a mesma deva ser negada, pelo contrário, pensamos que nessa questão resida uma das chaves para se problematizar as questões de gênero nessas aulas, na medida em que tais competições podem ser ressignificadas e transformarem-se em plataforma para processos de conscientização sobre as construções das desigualdades.

Portanto, a competência tático-técnica pode ser compreendida como um fator chave ao pensarmos sobre a participação e a não participação das/os alunas/os nas aulas de Educação Física, porém deve-se questionar quais são os fatores que oportunizam a aquisição dessas competências. Entre eles, como tratado anteriormente neste capítulo, estão as relações familiares, o processo de construção da identidade de gênero e os consequentes preconceitos vinculados a esse processo e como um último fator – e que se relaciona com todos os outros – a figura e a atuação do professor nesse processo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Contextualização do Projeto em que a pesquisa se insere

Como descrito na introdução, a presente pesquisa surge a partir da aproximação entre o Prof. Dr. Pedro Gil Madrona (Universidade Castela Mancha-Espanha) e o Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (Universidade Federal de São Carlos-Brasil). A proposta era a de aplicação de um questionário – Escala de Atitudes para a Igualdade de Gênero no Futebol Escolar (EAIGFU) – em diversos países².

Essa pesquisa de caráter transcultural, tem como um de seus objetivos constituir uma base de dados com respostas de estudantes do maior número possível de países. O professor Osmar assumiu a responsabilidade de realizar essa coleta de dados no Brasil e, para tanto, elaborou um projeto de pesquisa temático com a finalidade de participar da pesquisa internacional e ao mesmo tempo realizar investigações com o EAIGFU em âmbito nacional.

Para além das atividades que a relação entre os pesquisadores e universidades pretende estabelecer, é importante descrever o plano de trabalho da pesquisa realizada pelo professor espanhol. A pesquisa justifica-se por estar inserida dentro de um nicho de estudos que compõem uma das principais linhas de pesquisa do nosso sistema educacional atual: o desenho de planos e políticas de equidade de gênero. Dessa forma, o projeto apresentado pelo Prof. Dr. Madrona “pretende, de certo modo, dar resposta e essa demanda legislativa centrando a atuação em um esporte tradicionalmente considerado ‘masculino’ como é o futebol e em uma etapa educativa na qual se constitui a personalidade do indivíduo como a pré-adolescência e a adolescência ”.

A partir disso, os objetivos traçados pela pesquisa desenhada pelo professor Madrona são: “(1) Desenhar e validar a Escala de Atitudes para a Igualdade de Gênero no Futebol Escolar (EAIGFU); (2) Reconhecer e descrever as atitudes dos alunos de Ensino Fundamental e Médio para a igualdade de gênero no futebol escolar; (3) Identificar diferenças de atitude dos alunos em função do gênero, idade, número de irmãos, tipo de prática esportiva e índice de massa corporal (IMC).” Objetivos estes que se dividem em linhas de ações que consistem em: “Validar a escala de atitudes para a igualdade de gênero no futebol em outros idiomas; realizar uma análise transcultural das

² Algumas publicações acadêmicas pautadas na base de dados dessa aplicação do EAIGFU em diversos países foram submetidos e estão em análise em periódicos de distintas áreas e países.

atitudes que têm estudantes entre 10 e 18 anos sobre a participação feminina no futebol; elaborar um guia de recursos didáticos para orientar a intervenção docente”.

É importante ressaltar que os objetivos propostos pelo professor espanhol não correspondem aos objetivos desta pesquisa, porém este estudo utilizou como inspiração os percursos investigativos apontados pelo mesmo.

Uma vez estabelecida a parceria, nosso primeiro trabalho foi traduzir e adaptar o questionário – que inicialmente foi elaborado em espanhol - de forma que pudesse ser aplicado no contexto das escolas brasileiras.

3.2 Delimitação do tipo de pesquisa

Identificamos a pesquisa como um estudo descritivo, a partir da classificação proposta por Triviños (1987, p.110). O autor define este tipo de pesquisa como uma maneira de expor um fenômeno ou as características de uma população ou objeto, ou seja, é amplamente utilizada como uma forma de produzir dados científicos que servirão como base para outros estudos.

Ainda inseridos nessa categoria, podemos afirmar que além de descritivo, o estudo é classificado como correlacional, pois tem como um de seus objetivos estabelecer relações entre variáveis.

Moresi (2003, p. 9) ainda aponta que, inserida na pesquisa descritiva, se encontra a pesquisa de opinião, que consiste em um levantamento estatístico que indica opiniões de uma determinada população analisada. Portanto, também é evidente a natureza de pesquisa de opinião que este estudo assume.

3.3 Instrumento de coleta de dados

O questionário EAIGFU está estruturado em uma parte inicial e mais três blocos. A parte inicial consiste na coleta de dados sociodemográficos, como: data de nascimento, idade, série e nível de ensino, peso, altura, atividades extra-escolares, gênero, prática de futebol em time/equipe, tempo que pratica futebol, gosto por jogar futebol, nível de 1 a 10 que considera jogar bem futebol, quantos irmãos tem e quantas irmãs tem.

Os outros três blocos temáticos do EAIGFU são organizados no formato de questões em escala Likert³ e conta com 27 afirmações⁴ e as/os respondentes devem, para cada uma das sentenças, marcar em uma caixa uma das opções entre “discordo totalmente”, “discordo”, “não sei”, “concordo” e “concordo plenamente”.

Esses três blocos dividem-se da seguinte forma:

a) “Nível sociocultural”, que conta com 16 afirmações sobre aspectos das relações de gênero principalmente no contexto esportivo do alto rendimento, como por exemplo “o futebol é um esporte masculino”, “as meninas que jogam futebol são tão femininas quanto as que não praticam o esporte futebol”, entre outras.

b) “Nível relacional”, composto por 4 afirmações, trata de como o futebol acontece nas aulas de Educação Física no que tange às relações de gênero nas aulas de Educação Física escolar. Temos como exemplo a afirmação “nas aulas de Educação Física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem”.

c) “Competência motriz percebida”, com 7 afirmações, busca investigar qual a auto percepção das/os alunas/os sobre a participação nas aulas de Educação Física por meio de frases como “penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a Educação Física”.

3.4 Delimitação da amostra da pesquisa e procedimento para a coleta dos dados

A tarefa seguinte foi a de aplicar o questionário em diversos contextos. Para isso utilizamos uma técnica chamada na pesquisa científica de “amostra bola de neve”. Conforme Vinuto (2014) neste tipo de amostragem o/a pesquisador/a inicialmente estabelece critérios de seleção e localiza perfis que julga contribuir com a pesquisa. A partir dessas relações iniciais construídas, são estas pessoas – que podem ser chamadas de “sementes” – que irão indicar ou até realizar novos contatos. Dessa forma, a amostragem cresce dentro dessa rede estabelecida. O critério normalmente utilizado para estabelecer o fim dessa cadeia de contatos é o ponto de saturação.

³ A escala Likert é uma das escalas de autorrelato mais difundidas. A principal característica deste modelo são as respostas possíveis, sempre em gradação e sempre diante de uma pergunta ou afirmação. Esta pesquisa adotou a gradação: Concordo plenamente; Concordo; Não sei; Discordo e Discordo Totalmente (AGUIAR; CORREIA; CAMPOS, 2011).

⁴ Ao longo do texto, alternaremos entre o uso dos termos afirmação e questão. Entendemos que o questionário é composto por afirmações, porém estas confrontam opiniões das pessoas que respondem, possibilitando a denominação de questão.

Como toda metodologia, a amostra por bola de neve também encontra limitações e dificuldades. A principal dificuldade que esta pesquisa pode enfrentar é a de as pessoas contatadas não se comprometerem com a pesquisa, ou seja, não tratá-la com a seriedade necessária. Portanto, o primeiro contato foi essencial nesse processo. Nele buscamos, em conversas, deixar claro aos/às professores/as os objetivos da pesquisa e os perfis esperados.

Em contrapartida, e como aponta Vinuto (2014) este tipo de amostragem pode ser positiva no sentido de possibilitar que as pessoas se sintam mais à vontade para responder às questões, visto que o tema está relacionado a questões delicadas que tangem à sociedade e às relações estabelecidas por estas pessoas e uma possibilidade é que as/os participantes não desejem estar vinculadas/os à estas questões.

De maneira geral os objetivos pretendidos com esta amostragem e em consonância com a literatura são: buscar melhor compreensão sobre determinado tema, estudar a viabilidade de um estudo mais amplo e desenvolver métodos a serem empregados em outros estudos.

Alinhada a esses critérios foi feita a escolha inicial das/os professores/as que foram convidados/as para aplicar o questionário em suas respectivas turmas. Devido a uma maior rede de contatos dos pesquisadores, a maioria das respostas obtidas foram do município de São Carlos, interior do estado de São Paulo, porém obtivemos respostas de diversas regiões do Brasil, como Ceará, Espírito Santo, entre outros estados, que não serão objeto de análise do presente estudo. Como dito anteriormente, os dados analisados nessa pesquisa compõe um recorte, utilizando como critério o município em que a Universidade à qual os pesquisadores estão vinculados se encontra e também um grande número de respostas.

A coleta aconteceu ao longo do ano de 2019. Na maioria dos casos os professores colaboradores aplicavam os questionários a partir do link do *Google Forms* que disponibilizávamos, mas em uma das escolas fizemos a aplicação de diversos questionários, levando as turmas ao laboratório de informática durante as aulas de Educação Física com a colaboração do professor.

Obtivemos um total de 187 questionários respondidos, sendo 52 alunas/os de escolas particulares e 135 de escolas públicas, que cursavam os anos finais do ensino

fundamental e o ensino médio, portanto com idade entre 12 e 18 anos. O gênero declarado pelas/os participantes da pesquisa foi 93 para o feminino e 94 para o masculino⁵.

3.5 Procedimentos para análise de dados

De forma mais ampla, é possível organizar a análise dos dados em três etapas: (1) agrupamento dos perfis dos/as participantes em *clusters*; (2) caracterização dos *clusters* a partir dos indicadores sociodemográficos; (3) categorização temática do bloco sociocultural e análise dos *clusters* por categoria temática; (4) análise dos blocos relacional e competência motriz percebida.

Utilizamos o software estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) para realizar uma análise de *cluster*, resultando na divisão das/os participantes em três grupos (*cluster 1*, *cluster 2* e *cluster 3*) a partir das respostas coletadas no bloco sociocultural, sendo que o *cluster 1* apresentou opiniões mais próximas de valores sexistas, o *cluster 2* se mostrou mais neutro e o *cluster 3* poderia ser classificado como no espectro mais igualitário, portanto, mais distante do sexismo em suas respostas.

O critério utilizado para a validação dos dados coletados foi o nível de significância estabelecido entre cada cluster a partir da comparação das respostas. Esse nível é um parâmetro utilizado para verificar se os dados podem ser considerados significativos sob o ponto de vista estatístico.

Hair Júnior *et al.* (2009) citam a possibilidade da utilização do agrupamento de dados como um meio para um determinado fim em um estudo e, a partir desse método, identificamos na pesquisa a utilização do agrupamento para redução de dados, conceito elaborado pelo livro citado e que justifica o agrupamento para que as informações produzidas pelos dados sejam reduzidas e, assim, organizadas. Esta organização possibilitou a criação de tabelas, a partir dos dados obtidos, para uma visualização mais eficiente dos resultados.

A segunda etapa consistiu em caracterizar os *clusters* a partir de informações sociodemográficas coletadas com o questionário. Estas informações nos permitiram criar avatares inspirados no design do biscoito de gênero, que busca tornar mais didática a explicação sobre questões como identidade, expressão, orientação e sexo.

⁵ A pesquisa optou por seguir o modelo original do EAIGFU, portanto no campo “Gênero” as possíveis respostas eram “masculino” ou “feminino”. O estudo original foi realizado dessa maneira para que os resultados de diversos países pudessem ser comparados utilizando o mesmo marcador.

Na terceira etapa alisamos as afirmações do bloco sociocultural e identificamos três temas principais que as questões tratavam. Conforme Bogdan e Biklen (1994), estas categorias permitem que um material coletado seja fisicamente separado de outros dados, surgindo assim, as categorias de codificação. São elas: identidade de gênero; profissionalização e desempenho esportivo.

Na quarta, e última etapa, realizamos a análise das afirmações presentes nos blocos “relacional” e “competência motriz percebida”. A partir dos resultados apresentados, buscamos informações que nos ajudassem a compreender as opiniões associadas as características de cada *cluster*.

3.6 Aspectos éticos

O EAIGFU foi inserido na plataforma *Google Forms* sob o título “Estudos sobre atitudes no futebol escolar”, contando com uma breve descrição sobre o que a pesquisa pretende, garantindo o anonimato das/os participantes e apontando para a resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional da Saúde (Ministério da Saúde), que faz com que a pesquisa dispense registro e avaliação no sistema CEP/CONEP, por se tratar de uma pesquisa de opinião pública com participantes não identificados.

Entretanto, ao longo da pesquisa, submetemos o estudo para a avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCar). Portanto, o estudo foi realizado como um projeto piloto, enquanto o projeto tramitava pelo Comitê de Ética, após uma série de submissões e solicitações de ajustes, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP em sua 4ª versão, pelo parecer nº 4.790.311 (conforme Anexo – A), em 18/06/2021. O projeto de pesquisa está cadastrado com o número CAAE: 41170620.2.0000.5504.

4 RESULTADOS

Após a divisão dos/as participantes da pesquisa em grupos (*clusters*) de acordo com respostas, estabelecemos por meio dos dados, três agrupamentos, sendo eles *cluster 1*, que as respostas indicaram posições mais próximas de opiniões sexistas, o *cluster 2*, que se encontra em um meio termo entre o 1 e o 3 por emitir respostas consideradas mais neutras e, por fim, o *cluster 3*, que apresentou um ponto de vista mais próximo de ideais igualitários.

É importante informar que as respostas variavam entre si com relação a qual extremo indicaria sexismo ou igualdade. Por exemplo, diante da afirmação “O futebol é um esporte masculino”, responder “discordo totalmente” seria o extremo igualitário e responder “concordo totalmente” seria o extremo sexista, porém na questão “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade.”, responder “discordo totalmente” seria o extremo sexista e responder “concordo totalmente” seria o extremo igualitário.

A partir disso, para a análise, construímos uma escala onde todas as respostas que indicavam o extremo igualitário foram “traduzidas” para “0”; as respostas que indicavam igualdade, porém não no extremo do espectro foram “traduzidas” como “1”; as respostas “não sei” eram as de número “2”; as que indicavam sexismo, porém não extremo eram as de número “3” e as que se localizavam no extremo sexista foram “traduzidas” como as respostas número “4”.

4.1 Caracterização

Dedicaremos este tópico para a caracterização dos três blocos de acordo com os dados fornecidos pelas/os participantes no bloco “caracterização do(a) participante”, presente no formulário.

É importante ressaltar que os avatares elaborados não pretendem criar estereótipos a respeito de cada agrupamento, mas sim construir seus respectivos perfis sociodemográficos.

4.1.1 Cluster 1

O *cluster 1* contou com 71 participantes, sendo 61 (85,9%) estudantes de escolas públicas e 10 (14,1%) estudantes de escolas privadas.

As/os estudantes eram majoritariamente dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo 3 (2,8%) do sexto ano; 15 (21,1%) do sétimo ano; 40 (56,3%) do

oitavo ano; 7 (9,9%) do nono ano; 4 (5,6%) do primeiro ano do ensino médio; 2 (2,8%) do segundo ano do ensino médio e nenhum do terceiro ano do ensino médio.

26 (36,6%) dos/as estudantes afirmaram pertencer ao sexo feminino e 45 (63,4%) ao sexo masculino.

As atividades extra escolares praticadas pelas/os alunas/os eram muito diversificadas, porém destaca-se o fato de que cinco participantes praticavam dança, 19 futebol, três inglês e 25 nenhuma.

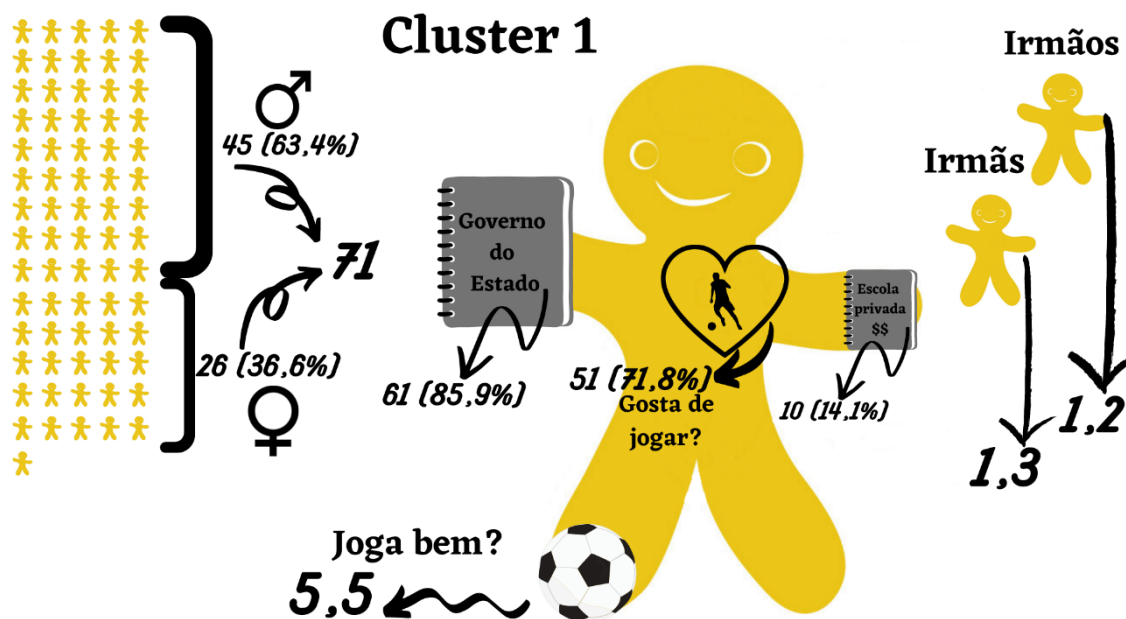
No questionamento sobre gostar de jogar futebol 20 (28,2%) das/os participantes responderam “não” e 51 (71,8%) responderam “sim”. Porém na pergunta que pretendia investigar se eles/as praticavam futebol em alguma equipe, 59 (83,1%) responderam “não” e 12 (16,9%) responderam “sim”.

Outra questão buscava saber a opinião deles/as mesmos/as sobre “jogar bem futebol”, em uma escala de 1 a 10, onde 1 era muito mal e 10 era muito bem. 13 (18,3%) responderam “1”; 2 (2,8%) responderam “2”; 6 (8,5%) responderam “3”; 4 (5,6%) responderam “4”; 13 (18,3%) responderam “5”; 8 (11,3%) responderam “6”; 9 (12,7%) responderam “7”; 10 (14,1) responderam “8”; 5 (7%) responderam “9” e 1 (1,4%) respondeu “10”.

Outro dado importante coletado foi o número de irmãos e irmãs das/os participantes. Este *cluster* apresentou uma média de 1,3 irmãos e 1,3 irmãs.

Além das informações mencionadas acima, o questionário coletou informações sobre a idade (média de 13 anos), massa (média de 53 kg), estatura (média de 163 cm) e tempo de prática em uma equipe, porém a média das respostas de cada *cluster* não obteve diferenças muito significativas (a partir de valores – acima de 0,05 – evidenciados pelo *software*) entre os *clusters*.

Figura 1 – Avatar Cluster 1



Fonte: Produzida pelos pesquisadores

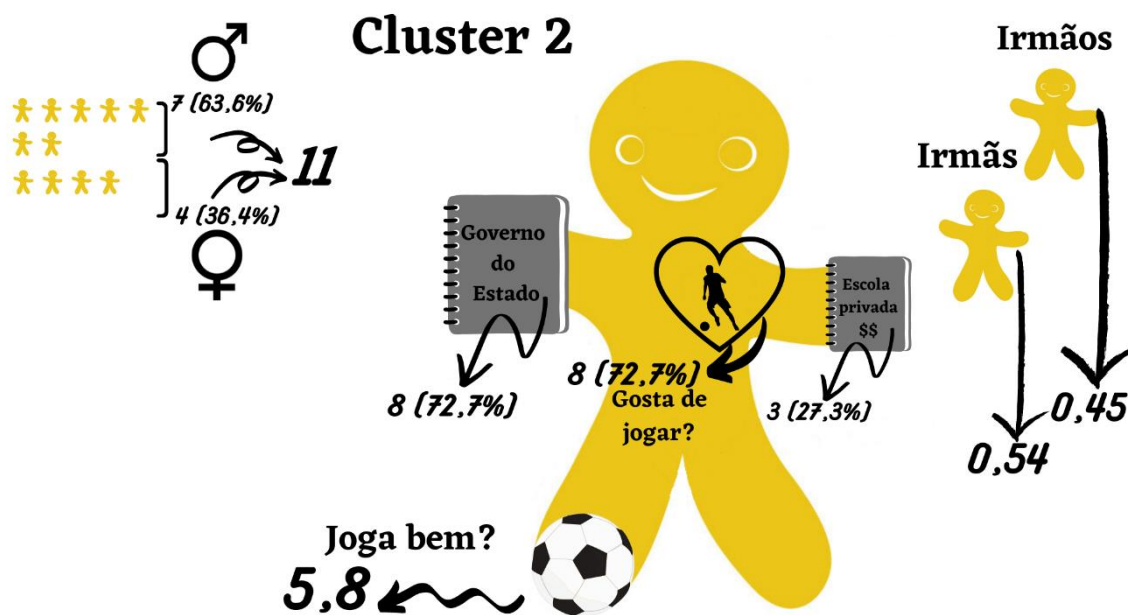
4.2.2 Cluster 2

Se comparado com os *clusters* 1 e 3, o *cluster 2* contou com um número baixo de participantes. Sendo um total de 11; 7 (63,6%) do sexo masculino e 4 (36,4% do sexo feminino. Eram 8 (72,7%) estudantes de escola pública e 3 (27,3%) estudantes de escola privada.

Outro dado relevante era que 5 deles/as pratica futebol como uma atividade extra escolar.

Os resultados das outras questões não apresentaram uma característica que se destacou, portanto não os apresentaremos no texto.

Figura 2 – Avatar Cluster 2



Fonte: Produzida pelos pesquisadores

4.3.3 Cluster 3

O *cluster 3*, que apresentou respostas que se aproximam de opiniões consideradas mais igualitárias de acordo com nossa classificação é composto por 105 participantes, sendo 63 (60%) do sexo feminino e 42 (40%) do sexo masculino.

39 (37,1%) das/os estudantes frequentavam escolas privadas e 66 (62,9%) frequentavam escolas públicas. As séries eram predominantemente dos anos finais do Ensino Fundamental, sendo 7 (6,7%) do sexto ano; 18 (17,1%) do sétimo ano; 35 (33,3%) do oitavo ano; 20 (19%) do nono ano; 16 (15,2%) do primeiro ano do Ensino Médio; 8 (7,6%) do segundo ano do Ensino Médio e 1 (1%) do terceiro ano do Ensino Médio.

As atividades extra escolares majoritariamente praticadas pelas/os estudantes do *cluster 3* eram futebol (15); inglês (17); nenhuma (20); ginástica artística (3); academia (6); dança (5) e natação (3).

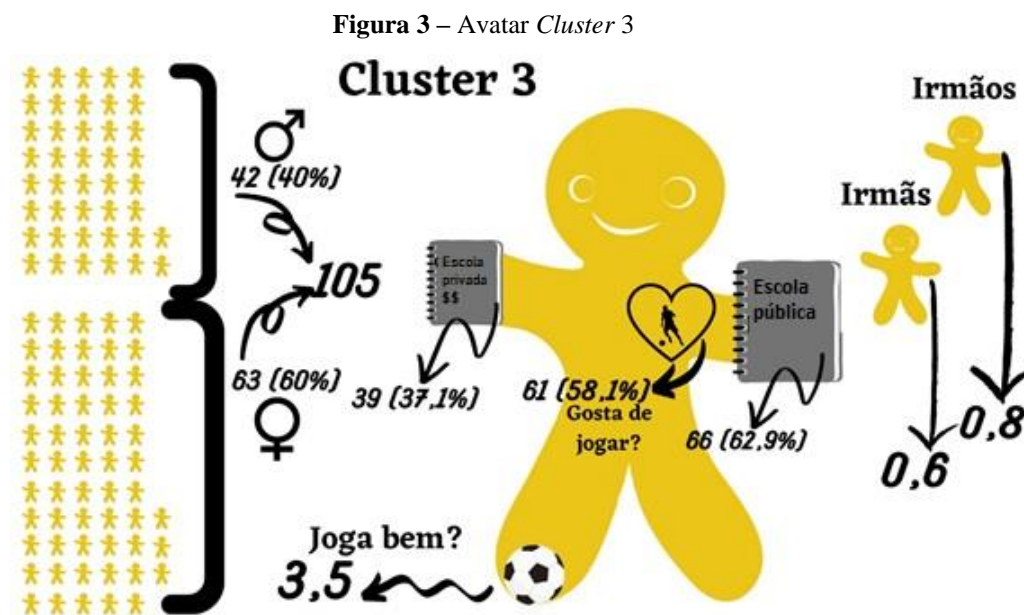
Outro dado relevante é que 94 (89,5%) dos/as alunas/os afirmaram não praticar futebol em uma equipe e 11 (10,5%) afirmaram praticar. Diante do questionamento sobre gostar ou não de jogar futebol 44 (41,9%) afirmaram não gostar e 61 (58,1%) afirmaram gostar.

Diante da pergunta se jogam bem o futebol em uma escala de 1 a 10 onde “1” é “muito mal” e “10” é “muito bem” 22 (21%) responderam “1”; 14 (13,3%) responderam “2”; 13 (12,4%) responderam “3”; 9 (8,6%) responderam “4”; 17 (16,2%)

responderam “5”; 9 (8,6%) responderam “6”; 6 (5,7%) responderam “7”; 5 (4,8%) responderam “8”; 7 (6,7%) responderam “9” e 3 (2,9%) responderam “10”.

Nesse *cluster* a média de irmãs foi de 0,6 e de irmãos de 0,88.

Além disso o questionário coletou informações sobre a idade (média de 13 anos) , massa (média de 56 kg), estatura (média de 163 cm) e tempo de prática em uma equipe, porém a média das respostas de cada *cluster* não obteve diferenças muito significativas entre os *clusters*.



Fonte: Produzida pelos pesquisadores

4.2 Apresentação e análise dos resultados

4.2.1 Bloco sociocultural

Buscando apresentar os resultados de uma forma clara e didática dividimos as afirmações presentes no bloco “Nível sociocultural” em três categorias, de acordo com o tema principal de cada uma delas. São estas categorias: Identidade de gênero; Profissionalização e Desempenho esportivo.

Dedicaremos esta etapa do texto, portanto, para apresentar os dados coletados, dividindo-os de acordo com seus respectivos *clusters*. Na tabela estarão presentes os valores centrais⁶ de cada *cluster* para cada afirmação do questionário. Nota-se que, de acordo com a pontuação atribuída para as respostas, onde 0 indicava respostas mais igualitárias e 4 indicava opiniões que se aproximavam de valores sexistas, um valor

⁶ O valor central é calculado a partir de uma média entre as respostas das/os participantes de cada agrupamento (*cluster*).

central mais alto indica uma maior tendência a opiniões que reforçam a desigualdade de gênero no futebol. Além disso, estarão presentes as respectivas quantidades de respostas.

A partir das tabelas, podemos perceber que em algumas afirmações os valores apresentaram uma maior diferença, porém buscaremos um olhar individual para cada questão pois nossa intenção é compreender em quais condições de afirmações o sexismo se mostrou mais exacerbado.

Primeiramente analisaremos as questões categorizadas pelos pesquisadores no eixo temático “Identidade de Gênero”.

4.2.2 Identidade de gênero

Tabela 1 – Afirmação 1 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero			
Cluster 1			
Afirmação 1 – “O futebol é um esporte masculino”	Valor central: 0,82		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	31	43,7%
	1	28	39,4%
	2	6	8,5%
	3	6	8,5%
4	-	-	
Identidade de gênero			
Cluster 2			
Afirmação 1 – “O futebol é um esporte masculino”	Valor central: 0,64		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	7	63,6%
	1	3	27,3%
	2	-	-
	3	-	-
4	1	9,1%	
Identidade de gênero			
Cluster 3			
Afirmação 1 – “O futebol é um esporte masculino”	Valor central: 0,36		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	85	81%
	1	16	15,2%
	2	-	-
	3	-	-
4	4	3,8%	
Diferença entre os valores centrais dos clusters 1 e 3: 0,52			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na afirmação número 1 a diferença entre os clusters (0,52) foi relativamente baixa e os valores centrais (0,82 e 0,30 para os clusters 1 e 3, respectivamente) também, portanto podemos afirmar que ambos os clusters rejeitaram a

ideia de que o futebol é um esporte masculino apesar de existirem algumas respostas no extremo sexista.

Tabela 2 – Afirmação 3 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero			
Cluster 1			
Afirmação 3 – “Treinar futebol torna as meninas menos femininas”	Valor central: 0,87		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	25	35,2%
	1	32	45,1%
	2	12	16,9%
	3	2	2,8%
4	-	-	
Identidade de gênero			
Cluster 2			
Afirmação 3 – “Treinar futebol torna as meninas menos femininas”	Valor central: 0,82		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	7	63,6%
	1	1	9,1%
	2	2	18,2%
	3	-	-
4	1	9,1%	
Identidade de gênero			
Cluster 3			
Afirmação 3 – “Treinar futebol torna as meninas menos femininas”	Valor central: 0,15		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	92	87,6%
	1	12	11,4%
	2	-	-
	3	-	-
4	1	1%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,72			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na questão número 3 o *cluster* 1 se comportou de maneira parecida com a questão anterior, apresentando um valor central de 0,87, porém o *cluster* 3 apresentou respostas mais próximas do extremo igualitário, com valor central de 0,15. Dessa forma, a diferença entre os *clusters* aumento em relação à afirmação anterior, sendo de 0,72. Esse aumento se deu por conta do *cluster* 1 apresentar mais respostas “não sei”, ou seja, não se posicionando de maneira nítida sobre a afirmação de que treinar futebol torna as meninas menos femininas. Já o *cluster* 3 apresentou todas as suas respostas nos extremos igualitários, respondendo “discordo” ou “discordo totalmente”.

Tabela 3 – Afirmação 9 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero

Cluster 1			
Afirmção 9 – “As mulheres deveriam evitar os esportes de contato como o futebol, porque podem ser perigosos para sua saúde.”	Valor central: 1,03		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	19	26,8%
	1	35	49,3%
	2	14	19,7%
	3	2	2,8%
4	1	1,4%	
Identidade de gênero			
Cluster 2			
Afirmção 9 – “As mulheres deveriam evitar os esportes de contato como o futebol, porque podem ser perigosos para sua saúde.”	Valor central: 1,64		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	5	45,5%
	1	1	9,1%
	2	1	9,1%
	3	1	9,1%
4	3	27,3%	
Identidade de gênero			
Cluster 3			
Afirmção 9 – “As mulheres deveriam evitar os esportes de contato como o futebol, porque podem ser perigosos para sua saúde.”	Valor central: 0,48		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	78	74,3%
	1	16	15,2%
	2	4	3,8%
	3	2	1,9%
4	5	4,8%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,55			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na afirmação número 9 a diferença foi de 0,55, porém ambos os *clusters* apresentaram um valor central maior (sendo 1,03 *cluster* 1 e 0,48 *cluster* 3). Houve algumas respostas de ambos nos extremos sexistas, porém novamente o *cluster* 1 apresentou um maior número de respostas “não sei” em relação ao *cluster* 3, tornando o valor central mais alto.

Tabela 4 – Afirmção 10 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero			
Cluster 1			
Afirmção 10 – “As meninas, em vez de jogar futebol deveriam	Valor central: 1,14		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	16	22,5%
	1	35	49,3%

ser animadoras ou praticar esportes que valorizem a beleza de seus corpos.”	2	15	21,1%
	3	4	5,6%
	4	1	1,4%
Identidade de gênero			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 10 – “As meninas, em vez de jogar futebol deveriam ser animadoras ou praticar esportes que valorizem a beleza de seus corpos.”	Valor central: 1,91		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	3	27,3%
	1	1	9,1%
	2	3	27,3%
	3	2	18,2%
4	2	18,2%	
Identidade de gênero			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 10 – “As meninas, em vez de jogar futebol deveriam ser animadoras ou praticar esportes que valorizem a beleza de seus corpos.”	Valor central: 0,36		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	84	80%
	1	11	10,5%
	2	6	5,7%
	3	1	1%
4	3	2,9%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,78			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na questão 10 – que afirmava que as meninas devem praticar algo que valorize a beleza de seus corpos ao invés de futebol - destaca-se o fato de uma quantidade relativamente baixa de pessoas do *cluster* 1 ter respondido “discordo totalmente”, dessa forma as respostas deste *cluster* ficaram em sua maioria entre “discordo” e “não sei”, contribuindo para que o valor central do *cluster* fosse de 1,14. Enquanto isso o *cluster* teve 80% de suas respostas para “discordo totalmente”, resultando em um valor central de 0,36. Assim, podemos compreender que a questão estética e de feminilidade é um ponto a ser observado em alguns participantes do *cluster* 1.

Tabela 5 – Afirmção 11 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 11 – “As meninas que jogam futebol são tão femininas quanto as que não	Valor central: 2,56		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	1	1,4%
	1	11	15,5%
2	21	29,6%	

praticam o esporte futebol.”	3	23	32,4%
	4	15	21,1%
Identidade de gênero			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 11 – “As meninas que jogam futebol são tão femininas quanto as que não praticam o esporte futebol.”	Valor central: 1,27		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	4	36,4%
	1	2	18,2%
	2	4	36,4%
	3	-	-
4	1	9,1%	
Identidade de gênero			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 11 – “As meninas que jogam futebol são tão femininas quanto as que não praticam o esporte futebol.”	Valor central: 1,10		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	53	50,5%
	1	18	17,1%
	2	16	15,2%
	3	6	5,7%
4	12	11,4%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 1,46			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A questão número 11 declara que as meninas que praticam futebol são tão femininas quanto as que não praticam, ou seja, nela a questão da feminilidade está presente novamente e os dados apresentados devem receber atenção de nossa parte. A diferença entre os *clusters* (1,46) foi alta em relação às outras questões e, além disso, ambos apresentaram valores centrais mais altos (*cluster* 1 2,56 e *cluster* 3 1,10). O valor do *cluster* 1 se deu por conta de a maioria das/os participantes (62%) responder “não sei” ou “discordo”. Já no *cluster* 3 a porcentagem de pessoas que respondeu “não sei”, “discordo” ou “discordo totalmente” foi de 32,3%, culminando em um valor central maior para esse *cluster*.

Tabela 6 – Afirmção 13 (bloco sociocultural, eixo temático identidade de gênero)

Identidade de gênero			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 13 – “As meninas são muito delicadas para praticar futebol.”	Valor central: 1,28		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	12	16,9%
	1	33	46,5%
	2	20	28,2%
	3	6	8,5%
4	-	-	
Identidade de gênero			
<i>Cluster 2</i>			

Afirmção 13 – “As meninas são muito delicadas para praticar futebol.”	Valor central: 3,45		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	1	9,1%
	1	-	-
	2	-	-
	3	2	18,2%
	4	8	72,7%
Identidade de gênero			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 13 – “As meninas são muito delicadas para praticar futebol.”	Valor central: 0,30		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	88	83,8%
	1	11	10,5%
	2	1	1%
	3	1	1%
	4	4	3,8%
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,98			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A afirmação 13 falava que as meninas são muito delicadas para praticar o futebol. Nela podemos notar uma diferença significativa entre os *clusters* (0,98). Essa diferença se deu pelo *cluster 3* responder 94,3% entre “discordo” e “discordo totalmente” e o *cluster 1* apresentar 28,2% de suas respostas no “não sei”, resultando em um valor central de 0,30 para o *cluster 3* e 1,28 para o *cluster 1*.

Na categoria “Identidade de gênero” as questões 1 e 3 apresentaram uma diferença baixa entre os *clusters* e, além disso, ambos os *clusters* apresentaram valores centrais baixos, o que indica que as opiniões expressadas nas respostas das/os participantes tenderam para pontos de vista mais igualitários.

Retomamos aqui a discussão baseada na categoria de análise racismo estrutural, de Almeida (2019), da qual nos apropriamos por meio de uma transposição para o sexismo estrutural e, a partir do entendimento de que existem as ações individuais, que são expressas a partir de atitudes discriminatórias diretas por meio de insultos, por exemplo, interpretamos que essas afirmações trazem o sexismo nesse campo pois afirmar, como na questão 1, que o futebol é um esporte masculino, faz parte de um discurso que reforça uma atitude nesse sentido.

Em contrapartida, nas questões 9, 10, 11 e 13, notou-se uma pequena diferença entre os *clusters* 1 e 3. Essa diferença se deu pelo fato de os/as alunas/os do *cluster 1* responderem majoritariamente entre “1” e “2” e o *cluster 3* responder, em sua maioria, “0”, que é o extremo igualitário, ou seja, o *cluster 1* apresentou opiniões entre o “não sei” e próximas de opiniões igualitárias, porém o *cluster 3* apresentou as suas

opiniões posicionadas em um extremo igualitário. Essas questões tratavam o mesmo tipo de assunto das questões 1 e 3, porém os assuntos aos quais elas eram relacionadas estão associados a discursos estruturalmente construídos na nossa sociedade. Portanto, podemos tratar essas questões sob o ponto de vista do sexismo estrutural.

Ainda utilizando os estudos de Almeida (2019), existe uma passagem onde o autor afirma que analisar a questão sob o ponto de vista estrutural, implica no fato de que o ato não necessita de uma intenção para se manifestar, portanto, não se posicionar diante da questão, torna o indivíduo eticamente responsável pela manutenção do sexismo, mesmo não sendo juridicamente culpado.

Assim, o alto número de respostas “não sei” que foi apresentado nessas questões, nos aponta para o fato de que existe a compreensão nas pessoas que responderam sobre as ações que demonstrariam atitudes sexistas individuais, porém a questão estrutural e a necessidade de afirmação e manutenção das redes de poder, que estão relacionadas à construção estrutural do sexismo, fazem com que os alunos concentrem a maioria de suas respostas de uma maneira neutra.

É a partir dessa análise que se torna necessário compreender como esses processos identitários e essas relações de gênero são construídas para que as mesmas possam ser ressignificadas e pessoas marginalizadas de todo o entorno do futebol possam enxergar ali uma possibilidade de expressão e visibilidade desassociada a comportamentos normativos e hegemônicos.

4.2.3 Profissionalização

Dando continuidade à análise, na categoria temática “profissionalização” todas as afirmações (2, 4, 5 e 12) apresentaram dados muitos semelhantes entre si. Todas elas apresentaram pouca diferença entre os *clusters* 1 e 3 e, em ambos, valores centrais mais próximos do espectro igualitário.

Tabela 7 – Afirmação 2 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização)

Profissionalização			
Cluster 1			
Afirmação 2 – “O tempo que meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente.”	Valor central: 0,86		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	25	35,2%
	1	32	45,1%
	2	13	18,3%
	3	1	1,4%
4	-	-	
Profissionalização			

Cluster 2			
Afirmção 2 – “O tempo que meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente.”	Valor central: 0,45		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	7	63,6%
	1	3	27,3%
	2	1	9,1%
	3	-	-
4	-	-	
Profissionalização			
Cluster 3			
Afirmção 2 – “O tempo que meninas investem em treinamento de futebol é tempo perdido porque elas não jogarão profissionalmente.”	Valor central: 0,19		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	87	82,9%
	1	17	16,2%
	2	-	-
	3	1	1%
4	-	-	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,67			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A primeira afirmação presente nesse eixo temático é a número 2, que diz que o tempo de treino das meninas é perdido pois elas não jogarão profissionalmente. A diferença entre os *clusters* nessa questão foi de 0,67, com destaque para o fato de 99% dos membros do *cluster* 3 responderem “discordo” ou “discordo totalmente” enquanto no *cluster* 1 18,3% respondeu “não sei”.

Tabela 8 – Afirmção 4 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização)

Profissionalização			
Cluster 1			
Afirmção 4 – “Os patrocinadores esportivos e meios de comunicação (imprensa e televisão) deveriam apoiar mais as equipes de futebol feminino para impulsionar o seu desenvolvimento.”	Valor central: 1,27		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	8	11,3%
	1	44	62%
	2	14	19,7%
	3	2	2,8%
4	3	4,2%	
Profissionalização			
Cluster 2			
Afirmção 4 – “Os patrocinadores esportivos e meios de comunicação	Valor central: 0,27		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	8	72,7%
1	3	27,3%	

(imprensa e televisão) deveriam apoiar mais as equipes de futebol feminino para impulsionar o seu desenvolvimento.”	2	-	-
	3	-	-
	4	-	-
Profissionalização			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 4 – “Os patrocinadores esportivos e meios de comunicação (imprensa e televisão) deveriam apoiar mais as equipes de futebol feminino para impulsionar o seu desenvolvimento.”	Valor central: 0,32		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	78	74,3%
	1	23	21,9%
	2	2	1,9%
	3	1	1%
4	1	1%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,95			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na afirmação número 4 dizia que a mídia e patrocinadores deveriam investir mais no futebol feminino. Novamente destaca-se uma quantidade considerável (19,7%) de respostas “não sei” no *cluster* 1, enquanto o *cluster* 3 respondeu majoritariamente "concordo" ou “concordo totalmente”. Resultando em uma diferença de 0,95 entre os *clusters*. Com o *cluster* 1 apresentando 1,27 como valor central e o *cluster* 3 0,32.

Tabela 9 – Afirmção 5 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização)

Profissionalização			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 5 – “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade.”	Valor central: 1,58		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	8	11,3%
	1	24	33,8%
	2	30	42,3%
	3	8	11,3%
4	1	1,4%	
Profissionalização			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 5 – “A participação da mulher no futebol ajuda no	Valor central: 0,55		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	6	54,5%
	1	4	36,4%
2	1	9,1%	

crescimento da sociedade.”	3	-	-
	4	-	-
Profissionalização			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 5 – “A participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade.”	Valor central: 0,57		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	59	56,2%
	1	33	31,4%
	2	12	11,4%
	3	1	1%
4	-	-	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 1,01			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A questão seguinte – número 5 – dizia que a participação da mulher no futebol ajuda no crescimento da sociedade. O *cluster* 1 apresentou um valor central de 1,58 e o *cluster* 3 de 0,57, sendo a diferença entre eles de 1,01. 11,4% das pessoas do *cluster* 3 responderam “não sei” e 87,6% “concordo” ou “concordo totalmente”. Já no *cluster* 1, 11,3% responderam “discordo”, 42,3% responderam “não sei” e 45,1% responderam “concordo” ou “concordo totalmente”. Nessa questão podemos destacar o alto número de respostas “não sei” no *cluster* 1.

Tabela 10 – Afirmção 12 (bloco sociocultural, eixo temático profissionalização)

Profissionalização			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 12 – “Investir no futebol feminino é uma perda de tempo e dinheiro.”	Valor central: 1,01		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	23	32,4%
	1	30	42,3%
	2	14	19,7%
	3	2	2,8%
4	2	2,8%	
Profissionalização			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 12 – “Investir no futebol feminino é uma perda de tempo e dinheiro.”	Valor central: 2,09		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	3	27,3%
	1	1	9,1%
	2	2	18,2%
	3	2	18,2%
4	3	27,3%	
Profissionalização			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 12 – “Investir no futebol feminino é	Valor central:		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	91	86,7%

uma perda de tempo e dinheiro.”	1	12	11,4%
	2	2	1,9%
	3	-	-
	4	-	-
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,86			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A última afirmação desta categoria é a número 12 e dizia que investir no futebol feminino é perda de tempo e dinheiro. 98,1% do *cluster* 3 respondeu “discordo” ou “discordo totalmente”, totalizando um valor central de 0,15. Já o *cluster* 1 apresentou valor central de 1,01 pelo fato de 19,7% das pessoas responderem “não sei”.

Com exceção da questão 2, nesse eixo temático houve um padrão de respostas semelhantes às do anterior. O *cluster* 3 apresentou suas respostas concentrado majoritariamente no extremo igualitário ou no semi-igualitário. Já no *cluster* 1, as respostas foram mais divididas entre as outras possibilidades, apresentando um número significativo de respostas “não sei”.

Porém, notamos que os valores centrais das respostas nessa categoria, de maneira geral, foram menores se comparados aos valores centrais das respostas presentes na categoria identidade de gênero.

Ao analisarmos as questões de ambas as categorias, notamos que as presentes nessa, estão mais próximas de assuntos ligados ao alto rendimento, com questões sobre patrocínio, investimento e outros assuntos semelhantes.

Quando as/os alunos/as respondem diretamente sobre alto rendimento, é a partir dos exemplos de jogadoras profissionais, porém quando respondem sobre questões mais gerais, ligadas à identidade de gênero e que não necessariamente remetem ao alto rendimento, o valor central se apresenta maior.

O conceito de imagens de controle pode ser utilizado para essa análise pois perpassa pela manipulação das narrativas cotidianas e, dessa forma, as questões ligadas à identidade de gênero no futebol estão mais vulneráveis a estas redes de poder, enquanto o futebol de alto rendimento adquire uma espécie de respeito dentro dessa lógica. (BUENO, 2019)

4.2.4 Desempenho esportivo

A terceira, e última, categoria temática que definimos foi “Desempenho esportivo”.

Tabela 11 – Afirmação 6 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo

Cluster 1			
Afirmção 6 – “O desempenho das meninas no futebol poderia igualar (ou superar) o dos meninos.”	Valor central: 1,66		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	5	7%
	1	25	35,2%
	2	31	43,7%
	3	9	12,7%
	4	1	1,4%
Desempenho esportivo			
Cluster 2			
Afirmção 6 – “O desempenho das meninas no futebol poderia igualar (ou superar) o dos meninos.”	Valor central: 0,82		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	6	54,5%
	1	3	27,3%
	2	1	9,1%
	3	-	-
	4	1	9,1%
Desempenho esportivo			
Cluster 3			
Afirmção 6 – “O desempenho das meninas no futebol poderia igualar (ou superar) o dos meninos.”	Valor central: 0,57		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	61	58,1%
	1	29	27,6%
	2	14	13,3%
	3	1	1%
	4	-	-
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 1,09			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na afirmação número 6, que dizia que o desempenho das meninas no futebol poderia igualar ou superar o dos meninos, o valor central do *cluster* 1 foi de 1,66 e o do *cluster* 3 de 0,57. Destacamos aqui novamente a alta quantidade de respostas (43,7%) “não sei” no *cluster* 1 somada aos 12,7% que responderam “discordo” e à baixa quantidade de “concordo totalmente” (7%). As respostas “concordo” foram por parte de 35,2% deste *cluster*. Já no *cluster* 3, 58,1% das pessoas responderam “concordo totalmente”, 27,6% “concordo” e 13,3% “não sei”.

Tabela 12 – Afirmação 7 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo			
Cluster 1			
Afirmção 7 – “As meninas possuem aptidão física necessária para praticar futebol.”	Valor central: 1,55		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	6	8,5%
	1	29	40,8%
	2	29	40,8%
	3	5	7%

	4	2	2,8%
Desempenho esportivo			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 7 – “As meninas possuem aptidão física necessária para praticar futebol.”	Valor central: 0,91		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	3	27,3%
	1	6	54,5%
	2	2	18,2%
	3	-	-
4	-	-	
Desempenho esportivo			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 7 – “As meninas possuem aptidão física necessária para praticar futebol.”	Valor central: 0,70		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	52	49,5%
	1	35	33,3%
	2	17	16,2%
	3	-	-
4	1	1%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,85			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na questão número 7 o tema era semelhante ao da questão 6 e dizia que as meninas têm a aptidão física necessária para praticar o futebol. Novamente destacamos o alto número de respostas “não sei” tanto para o *cluster* 1 (40,8%) quanto para o *cluster* 3 (16,2%).

Tabela 13 – Afirmção 8 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 8 – “Com o treinamento constante e força de vontade uma mulher pode chegar a ser tão habilidosa (ou mais) que um homem no futebol.”	Valor central: 1,14		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	19	26,8%
	1	31	43,7%
	2	15	21,1%
	3	4	5,6%
4	2	2,8%	
Desempenho esportivo			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 8 – “Com o treinamento constante e força de vontade uma	Valor central: 0,73		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	5	45,5%
	1	4	36,4%
2	2	18,2%	

mulher pode chegar a ser tão habilidosa (ou mais) que um homem no futebol.”	3	-	-
	4	-	-
Desempenho esportivo			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 8 – “Com o treinamento constante e força de vontade uma mulher pode chegar a ser tão habilidosa (ou mais) que um homem no futebol.”	Valor central: 0,27		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	82	78,1%
	1	19	18,1%
	2	3	2,9%
	3	1	1%
4	-	-	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,87			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Na afirmação 8 a temática da habilidade foi inserida, afirmando que com treinamento uma mulher pode ser igual ou mais habilidosa que um homem no futebol. O valor central do *cluster* 3 para essa questão foi baixo (0,27), com 96,2% das respostas em “concordo” ou “concordo totalmente”. No *cluster* 1, 26,8% das respostas foram “concordo totalmente”, 43,7% “concordo” e 21,1% “não sei”.

Tabela 14 – Afirmção 14 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 14 – “Na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos.”	Valor central: 1,82		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	2	2,8%
	1	23	32,4%
	2	35	49,3%
	3	8	11,3%
4	3	4,2%	
Desempenho esportivo			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 14 – “Na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos.”	Valor central: 2,45		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	1	9,1%
	1	1	9,1%
	2	4	36,4%
	3	2	18,2%
4	3	27,3%	
Desempenho esportivo			

Cluster 3			
Afirmção 14 – “Na prática do futebol as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos.”	Valor central: 1,12		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	38	36,2%
	1	23	21,9%
	2	39	37,1%
	3	3	2,9%
4	2	1,9%	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 0,70			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A questão seguinte, número 14, a afirmação era de que as meninas se machucam com maior frequência do que os meninos no futebol. Nessa questão a diferença entre os valores centrais dos *clusters* foi baixa (0,70) porém os valores centrais de ambos foram mais altos em relação às outras afirmações. Destacamos os valores das respostas “não sei” para o *cluster* 1 (49,3%) e *cluster* 3 (37,1%). Relacionando essa com as afirmações 9 e 13, que também colocavam os corpos femininos como mais frágeis, percebemos um número maior de “não sei” nessas perguntas em relação às outras dos respectivos eixos temáticos.

Tabela 15 – Afirmção 15 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo			
Cluster 1			
Afirmção 15 – “Os meninos nasceram com maior aptidão para o futebol do que as meninas.”	Valor central: 1,79		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	8	11,3%
	1	18	25,4%
	2	29	40,8%
	3	13	18,3%
4	3	4,2%	
Desempenho esportivo			
Cluster 2			
Afirmção 15 – “Os meninos nasceram com maior aptidão para o futebol do que as meninas.”	Valor central: 3,55		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	-	-
	1	-	-
	2	1	9,1%
	3	3	27,3%
4	7	63,6%	
Desempenho esportivo			
Cluster 3			
Afirmção 15 – “Os meninos nasceram com maior aptidão	Valor central: 0,66		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	61	58,1%
	1	28	26,7%
2	9	8,6%	

para o futebol do que as meninas.”	3	5	4,8%
	4	2	1,9%

Diferença entre os valores centrais dos *clusters* 1 e 3: 1,13

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A questão número 15 – que afirmava que os meninos nasceram com maior aptidão que as meninas para o futebol - apresentou uma diferença alta (1,13) entre os valores centrais dos *clusters*, sendo 1,79 para o *cluster* 1 e 0,66 para o *cluster* 3. Nessa questão houve novamente um alto número (40,8%) de respostas “não sei” no *cluster* 1, acompanhado de 25,4% de respostas “discordo”, 11,3% “discordo totalmente” e 18,3% “concordo”. Já o *cluster* 3 respondeu um total de 84,8% “discordo totalmente” ou “discordo” e 8,6% “não sei”. Nessa questão percebemos uma diferença notável entre o comportamento dos dois *clusters*.

Tabela 16 – Afirmação 16 (bloco sociocultural, eixo temático desempenho esportivo)

Desempenho esportivo			
Cluster 1			
Afirmção 16 – “Os meninos são melhores do que as meninas em relação à rapidez necessária para a tomada de decisão no futebol.”	Valor central: 1,99		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	4	5,6%
	1	18	25,4%
	2	30	42,3%
	3	13	18,3%
4	6	8,5%	
Desempenho esportivo			
Cluster 2			
Afirmção 16 – “Os meninos são melhores do que as meninas em relação à rapidez necessária para a tomada de decisão no futebol.”	Valor central: 3,55		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	-	-
	1	-	-
	2	1	9,1%
	3	3	27,3%
4	7	63,6%	
Desempenho esportivo			
Cluster 3			
Afirmção 16 – “Os meninos são melhores do que as meninas em relação à rapidez necessária para a tomada de decisão no futebol.”	Valor central: 0,62		
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	0	61	58,1%
	1	24	22,9%
	2	19	18,1%
	3	1	1%
4	-	-	
Diferença entre os valores centrais dos <i>clusters</i> 1 e 3: 1,37			

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

A afirmação número 16 dizia que os meninos têm maior rapidez para tomada de decisão do que as meninas no futebol. A diferença entre os valores centrais apresentados pelos *clusters* foi grande (1,37), sendo que o *cluster* 1 apresentou valor de 1,99 e o *cluster* 3 de 0,62. Aqui a quantidade de “concordo” e “concordo totalmente” (26,8%) de respostas do *cluster* 1 chama atenção, acompanhada de 42,3% “não sei” e 25,4% “discordo”. Já o *cluster* 3 respondeu 81% “discordo totalmente” ou “discordo” e 18,1% “não sei”.

Todas as afirmações presentes nessa categoria (6, 7, 8, 14, 15 e 16) apresentaram, de maneira geral, maiores valores centrais quando comparadas com as questões das outras categorias. A diferença entre os *clusters* 1 e 3 se deu principalmente pelo fato de o *cluster* 1 ter respondido na maioria das vezes “não sei” (“2”) e o *cluster* 3 ter respondido majoritariamente no extremo igualitário (“0”).

Nesse eixo temático, levantamos a questão comentada por Goellner (2021) quando afirma que ainda existe a necessidade de o futebol de mulheres avançar em estruturação, visibilidade e reconhecimento. Identificamos dificuldade de compreensão por parte dos alunos, por conta da construção histórica, social e cultural de preconceitos e limites em torno das mulheres praticando o futebol, sobre o fato de que questões que influenciam o desempenho esportivo estão relacionadas à oportunidade e investimento.

4.2.5 Bloco “relacional” e “competência motriz percebida”

Para a análise dos blocos “relacional” e “competência motriz percebida” estabelecemos o valor de -2 para “discordo totalmente”; -1 para “discordo”; 0 para “não sei”; 1 para “concordo” e 2 “concordo totalmente”. Diferentemente do bloco sociocultural, nesta análise não cabe estabelecermos um valor para um extremo igualitário e outro para um extremo sexista, portanto cada afirmação deve ser individualmente interpretada.

A tabela foi elaborada com a intenção de possibilitar uma melhor e mais didática interpretação dos dados, comparando as respostas entre os *clusters*.

É importante ressaltar que para esta análise a divisão dos *clusters* estabelece os mesmos critérios que as anteriores, ou seja, os participantes de cada *cluster* são os mesmos, pois os critérios para esta divisão foram as afirmações do bloco sociocultural somente.

Tabela 17 – Afirmação 17 (bloco relacional)

Bloco “Relacional”			
Cluster 1			
Afirmção 17: “Quando jogamos futebol em aulas de educação física os meninos geralmente insultam as meninas menos preparadas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	5	7%
	-1	19	26,8%
	0	25	35,2%
	1	17	23,9%
	2	5	7%
Bloco “Relacional”			
Cluster 2			
Afirmção 17: “Quando jogamos futebol em aulas de educação física os meninos geralmente insultam as meninas menos preparadas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	3	27,3%
	-1	1	9,1%
	0	1	9,1%
	1	2	18,2%
	2	4	36,4%
Bloco “Relacional”			
Cluster 3			
Afirmção 17: “Quando jogamos futebol em aulas de educação física os meninos geralmente insultam as meninas menos preparadas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	8	7,6%
	-1	16	15,2%
	0	24	22,9%
	1	37	35,2%
	2	20	19%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 18 – Afirmção 18 (bloco relacional)

Bloco “Relacional”			
Cluster 1			
Afirmção 18: “Quando jogamos futebol com equipes mistas em aulas de educação física os meninos preferem passar a bola para meninos do que para meninas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	2	2,8%
	-1	5	7%
	0	24	33,8%
	1	29	40,8%
	2	11	15,5%
Bloco “Relacional”			
Cluster 2			

Afirmção 18: “Quando jogamos futebol com equipes mistas em aulas de educação física os meninos preferem passar a bola para meninos do que para meninas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	1	9,1%
	-1	2	18,2%
	0	-	-
	1	2	18,2%
	2	6	54,5%
Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 18: “Quando jogamos futebol com equipes mistas em aulas de educação física os meninos preferem passar a bola para meninos do que para meninas.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	5	4,8%
	-1	8	7,6%
	0	5	4,8%
	1	52	49,5%
	2	35	33,3%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 19 – Afirmção 19 (bloco relacional)

Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 19: “Nas aulas de educação física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	3	4,2%
	-1	13	18,3%
	0	33	46,5%
	1	21	29,6%
	2	1	1,4%
Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 19: “Nas aulas de educação física costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	1	9,1%
	-1	2	18,2%
	0	3	27,3%
	1	2	18,2%
	2	3	27,3%
Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 19: “Nas aulas de educação física	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	14	13,3%

costumamos jogar futebol sem que meninos e meninas se chateiem. ”	-1	17	16,2%
	0	25	23,8%
	1	33	31,4%
	2	16	15,2%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 20 – Afirmação 20 (bloco relacional)

Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmação 20: “Ao formar equipes mistas para jogar futebol em aulas de educação física as meninas são escolhidas como última opção. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	2	2,8%
	-1	16	22,5%
	0	26	36,6%
	1	21	29,6%
	2	6	8,5%
Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmação 20: “Ao formar equipes mistas para jogar futebol em aulas de educação física as meninas são escolhidas como última opção. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	1	9,1%
	-1	1	9,1%
	0	-	-
	1	5	45,5%
	2	4	36,4%
Bloco “Relacional”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmação 20: “Ao formar equipes mistas para jogar futebol em aulas de educação física as meninas são escolhidas como última opção. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	8	7,6%
	-1	23	21,9%
	0	16	15,2%
	1	30	28,6%
	2	28	26,7%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Analisando de maneira geral as afirmações desse bloco, percebemos que as respostas entre os *clusters* 1 e 3 não apresentaram uma diferença muito significativa, porém podemos perceber que o *cluster* 3 se mostrou mais sensível à acontecimentos que indicam a presença do sexismo nas ações durante a prática do futebol.

Os resultados das respostas, quando analisada a característica do *cluster 3*, que é composto em sua maioria por meninas, mas também com um número significativo de meninos, corroboram com a reflexão de que estas redes de dominação no futebol afetam tanto meninos quanto meninas. Conforme afirmação de Goellner (2013, p. 25), estas redes de poder têm potencial para proporcionar exclusão e/ou inclusão na prática esportiva e, portanto, considerando as construções de masculino e feminino na nossa sociedade, estas marcam cada sujeito.

Tabela 21 – Afirmação 21 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 1			
Afirmação 21: “Creio que sou melhor que muitos colegas meninos e meninas na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	21	29,6%
	-1	26	36,6%
	0	17	23,9%
	1	7	9,9%
	2	-	-
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 2			
Afirmação 21: “Creio que sou melhor que muitos colegas meninos e meninas na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	5	45,5%
	-1	3	27,3%
	0	-	-
	1	1	9,1%
	2	2	18,2%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 3			
Afirmação 21: “Creio que sou melhor que muitos colegas meninos e meninas na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	45	42,9%
	-1	33	31,4%
	0	16	15,2%
	1	9	8,6%
	2	2	1,9%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 22 – Afirmação 22 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 1			
Afirmação 22: “Com frequência	Resposta	Quantidade	Porcentagem

tenho recebido elogios por ser melhor que outros colegas meninos e meninas nas aulas de educação física. ”	-2	16	22,5%
	-1	27	38%
	0	16	22,5%
	1	9	12,7%
	2	3	4,2%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 22: “Com frequência tenho recebido elogios por ser melhor que outros colegas meninos e meninas nas aulas de educação física. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	2	18,2%
	-1	4	36,4%
	0	1	9,1%
	1	1	9,1%
	2	3	27,3%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 22: “Com frequência tenho recebido elogios por ser melhor que outros colegas meninos e meninas nas aulas de educação física. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	41	39%
	-1	33	31,4%
	0	16	15,2%
	1	15	14,3%
	2	-	-

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 23 – Afirmção 23 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 23: “Penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a educação física. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	10	14,1%
	-1	24	33,8%
	0	25	35,2%
	1	9	12,7%
	2	3	4,2%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 23: “Penso que possuo melhores capacidades que outros colegas	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	3	27,3%
	-1	3	27,3%
	0	1	9,1%

meninos e meninas para a educação física. ”	1	2	18,2%
	2	2	18,2%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 23: “Penso que possuo melhores capacidades que outros colegas meninos e meninas para a educação física. ”			
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	46	43,8%
	-1	36	34,3%
	0	13	12,4%
	1	8	7,6%
2	2	1,9%	

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 24 – Afirmção 24 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 24: “Até o momento sou bom (boa) em educação física e esportes sem realmente me esforçar para isso. ”			
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	10	14,1%
	-1	16	22,5%
	0	21	29,6%
	1	21	29,6%
2	3	4,2%	
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 24: “Até o momento sou bom (boa) em educação física e esportes sem realmente me esforçar para isso. ”			
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	2	18,2%
	-1	3	27,3%
	0	1	9,1%
	1	4	36,4%
2	1	9,1%	
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 24: “Até o momento sou bom (boa) em educação física e esportes sem realmente me esforçar para isso. ”			
	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	25	23,8%
	-1	31	29,5%
	0	18	17,1%
	1	20	19%
2	11	10,5%	

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 25 – Afirmção 25 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 1			
Afirmção 25: “Outros (as) me dizem que sou um (a) esportista completo (a), capaz de realizar bem qualquer exercício na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	13	18,3%
	-1	15	21,1%
	0	22	31%
	1	16	22,5%
	2	5	7%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 2			
Afirmção 25: “Outros (as) me dizem que sou um (a) esportista completo (a), capaz de realizar bem qualquer exercício na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	2	18,2%
	-1	4	36,4%
	0	2	18,2%
	1	2	18,2%
	2	1	9,1%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 3			
Afirmção 25: “Outros (as) me dizem que sou um (a) esportista completo (a), capaz de realizar bem qualquer exercício na aula de educação física.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	27	25,7%
	-1	26	24,8%
	0	23	21,9%
	1	20	19%
	2	9	8,6%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 26 – Afirmção 26 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
Cluster 1			
Afirmção 26: “Em educação física e esporte, sempre tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que os demais colegas	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	17	23,9%
	-1	25	35,2%
	0	18	25,4%
	1	9	12,7%
	2	2	2,8%

meninos e meninas. ”			
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 26: “Em educação física e esporte, sempre tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que os demais colegas meninos e meninas. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	5	45,5%
	-1	2	18,2%
	0	1	9,1%
	1	2	18,2%
	2	1	9,1%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 26: “Em educação física e esporte, sempre tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que os demais colegas meninos e meninas. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	50	47,6%
	-1	38	36,2%
	0	9	8,6%
	1	4	3,8%
	2	4	3,8%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

Tabela 27 – Afirmção 27 (bloco competência motriz percebida)

Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 1</i>			
Afirmção 27: “Penso que possuo as qualidades necessárias para ser bom (boa) em educação física e esporte. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	5	7%
	-1	10	14,1%
	0	27	38%
	1	25	35,2%
	2	4	5,6%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			
<i>Cluster 2</i>			
Afirmção 27: “Penso que possuo as qualidades necessárias para ser bom (boa) em educação física e esporte. ”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	1	9,1%
	-1	2	18,2%
	0	2	18,2%
	1	2	18,2%
	2	4	36,4%
Bloco “Competência Motriz Percebida”			

<i>Cluster 3</i>			
Afirmção 27: “Penso que possuo as qualidades necessárias para ser bom (boa) em educação física e esporte.”	Resposta	Quantidade	Porcentagem
	-2	19	18,2%
	-1	19	18,2%
	0	17	16,2%
	1	34	32,4%
	2	16	15,2%

Fonte: Produzida pelos pesquisadores

As afirmações desse bloco não apresentaram diferenças significativas entre os *clusters* e as respostas foram distribuídas de maneira muito semelhante entre as alternativas possíveis.

Porém, retomando as discussões realizadas pelas análises dos dois blocos anteriores, onde podemos afirmar que questões sexistas, principalmente no campo estrutural, estão presentes, podemos justamente buscar nesse conceito a reflexão sobre o bloco “Competência Motriz Percebida”.

O *cluster 3* se posicionou em extremos igualitários nas questões dos blocos anteriores, ou seja, mostrou ser mais solidário às questões que as afirmativas levantavam, porém a dificuldade em perceber estas ações sexistas vai sendo maior conforme a prática se aproxima da realidade das pessoas, ou seja, no bloco “Sociocultural”, que trata de questões mais presentes no alto rendimento, os posicionamentos identificando o sexismo foram mais presentes, porém no bloco “Relacional”, onde este sexismo pode estar presente nas relações estabelecidas entre as pessoas durante a prática do esporte, apesar de ainda apresentar diferenças, estas aparecem de formas mais sutis.

Já no bloco “Competência Motriz Percebida”, onde o sexismo estrutural está presente na própria ação da pessoa, as respostas apresentaram pouca ou nenhuma diferença entre os *clusters* e não manifestaram nenhum padrão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nosso objetivo geral, que foi analisar opiniões, posicionamentos e opiniões de alunos/as entre 12 e 18 anos em relação à igualdade de gênero no futebol, tanto no ambiente escolar quanto em um contexto de alto rendimento, coletamos os dados utilizando a técnica de “amostra bola de neve”, que possibilitou que o questionário fosse aplicado em diversas instituições, turmas e contextos.

A partir dos dados, resultantes de 187 questionários completos respondidos, utilizamos o software estatístico SPSS para a divisão dos/as participantes em agrupamentos, denominados *clusters*, de acordo com as respostas do primeiro bloco de afirmações do questionário, o bloco sociocultural. Assim, o *cluster 1* foi considerado o que apresentou mais valores sexistas, o *cluster 2* se mostrou neutro e o *cluster 3* apresentou respostas próximas de ideais igualitários.

O segundo passo da pesquisa foi caracterizar cada *cluster* a partir dos dados sociodemográficos apresentados pelo questionário. Convertemos os dados em uma representação gráfica elaborada a partir da construção de um avatar inspirado na figura conhecida como “biscoito do gênero”. A divisão e representação foram interessantes, pois nos proporcionaram um olhar para as respostas de cada grupo a partir de suas características.

Entre os dados mais relevantes encontrados a partir da caracterização estão, o *cluster 1*, rotulado como o mais sexista, é formado majoritariamente por meninos (64,4%) e estudantes de escolas públicas (85,9%). Já o *cluster 3*, tido como o mais igualitário, é composto em sua maioria por meninas (60%) e estudantes de escolas públicas, porém em menor proporção (62,9%).

A etapa seguinte das análises foi a divisão, somente dentro do bloco sociocultural, das afirmações em eixos temáticos a partir do assunto de cada questão. Os três eixos criados foram: identidade de gênero, profissionalização e desempenho esportivo.

Percebemos, na categoria identidade de gênero, um alto número de respostas “não sei” principalmente pelo *cluster 1*, o que pode ser compreendido como uma maneira de não tomar posição frente à afirmação. Mesmo que esse silêncio frente à questão não torne o sujeito “juridicamente culpado”, este passa a ser ética e politicamente responsável pela manutenção das atitudes sexistas (ALMEIDA, 2019 p. 40).

Nos eixos temáticos profissionalização e desempenho esportivo, observamos um padrão semelhante nas respostas de cada *cluster*. Analisamos que este

comportamento nos dados reflete uma necessidade de maior compreensão histórica e social dos limites encontrados em torno de mulheres praticando o futebol.

Como última etapa da pesquisa, temos a análise das respostas presentes nos outros dois blocos do questionário (relacional e competência motriz percebida). Percebemos uma maior sensibilidade do *cluster* 3 às questões relacionadas ao sexismo nas aulas de Educação Física quando comparado ao *cluster* 1.

Outro ponto levantado a partir da análise das respostas dos blocos “relacional” e “competência motriz percebida” é que apesar de meninos e meninas, nos dias atuais, realizarem as aulas de Educação Física juntos na maioria das escolas, não é um indicativo de participação igualitária, pois percebemos que muitas pessoas relatam sentirem algum tipo de frustração praticando o futebol.

Hooks (2017) afirma que todo movimento de educação está associado a política e isso é feito em cada pequena decisão, gesto, falas e atitudes. Sob o ponto de vista da/o professor/a, essa reflexão reforça a ideia de que as questões de gênero devem estar presentes nas aulas como tema de estudo. Sob o ponto de vista de alunos/as, essa afirmação favorece o argumento de que, para ser considerado antissexista, as respostas do questionário deveriam estar localizadas todas, sem exceção, nos extremos igualitários.

Portanto, enfatizamos a importância de estudos que utilizem o gênero como categoria de análise, porém entendemos que os mesmos devem contemplar uma maior diversidade, como as masculinidades e feminilidades plurais e as identidades não binárias, superando o paradigma da cisnormatividade. Além disso, a interseccionalidade, relacionando o gênero com raça, classe, escolaridade, entre outros, pode contribuir com a compreensão dos fatores para que busquemos uma maneira de tornar a prática do futebol uma experiência onde grupos de pessoas marginalizados da cultura esportiva possam se apropriar do mesmo.

Pensando que as possibilidades de identificações são diversas, para além do feminino e masculino, e que dentro deles mesmos, as manifestações de masculinidades e feminilidades podem ser variadas também, identificamos a necessidade de estudos futuros que insiram esses fatores em seus planejamentos.

Os caminhos que a pesquisa aponta para isso são o tratamento do tema como um assunto de aula e a construção/desconstrução de valores para que os/as próprias/os alunos/as sejam capazes de identificar situações sexistas em suas próprias falas e atitudes ou nas falas e atitudes dos sujeitos a sua volta.

Em consonância com as afirmações supracitadas, esse trabalho tem como maior contribuição a reafirmação da necessidade de olhares múltiplos e abrangentes para as diversas formas de manifestação das identidades e, assim, a construção de um futebol que possibilite o protagonismo de grupos marginalizados da prática, a partir da identificação das condições que contribuem para esse cenário e da potencialidade de transpor estudos dessa característica para as ações cotidianas de todos, sejam membros da comunidade escolar ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Bernardo; CORREIA, Walter; CAMPOS, Fábio. Uso da Escala Likert na Análise de Jogos. **X Sbgames**, Salvador, nov. 2011.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264p. (Feminismos Plurais).

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação.

BARROSO André Luís Ruggiero; DARIDO Suraya Cristina. Escola, educação física e esportes: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101-114, dez. 2006.

BARROSO, André; DARIDO, Suraya. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física**. Maringá, n. 2, p. 281 – 289. 2009.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, 1994.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. A Política de Esporte Escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 3, n. 24, p. 87-101, mai 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC APRESENTACAO.pdf> > Acesso em: ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> > Acesso em: jul. 2021.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de Resistência e Construção de Subjetividades no Pensamento Feminista Negro**: uma possibilidade de leitura da obra *black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1998.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2 ed. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

DORNELLES, Priscila Gomes. **A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar**. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 193 f. 2013.

EMICIDA; SETH, Daniel. **A Ordem Natural das Coisas part. MC Tha**. São Paulo: Laboratório Fantasma. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cXOAqWOIcM>. Acesso em 22 fev. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELES, Priscila Gomes, WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Orgs). **Educação física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, cap. 3 p. 23-44, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, 2021.

HAIR JÚNIOR, Joseph F. et al.: tradução Adonai Schlup Sant'Anna. **Análise Multivariada de Dados**. 6. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: Editora Wmf Martins Fontes, 2017. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. Tradução de Bhuvi Libanio.

JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e gênero: Influências de fora da escola na participação em aulas. **Revista Educação: teoria e prática**. Rio Claro, v. 26, n. 51, p. 19-35. 2016.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, v. 12, n. 3, p. 123-140, 28 dez. 2006. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e Impasses**: O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

MORESI, E. A. D. . **Metodologia da Pesquisa**. Brasília , 2003 (Apostila de Curso).

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como Área Reservada Masculina, in: DAOLIO, Jocimar. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. **Ensaio de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas Aulas de Educação Física**: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

POLETTO, Júlia; KREUTZ, Lúcio. **Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade**. *Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEXISMO. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Melhoramentos: 2021. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/neP8A/sexismo/>>. Acesso em 17/09/2021.

SILVA, Giovana Capucim e. **Mulheres impedidas**: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo. Rio de Janeiro: Drible de Letra, 2017. 246 p.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Co-educação, futebol e educação física escolar**. Tese (mestrado) – Instituto de biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 127 f. 2003.

SOUZA JÚNIOR. Educação Física escolar e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. 170 p. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>. Acesso em: jul. 2021.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 314 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 163 – 170, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Alexandre Jackson Chan; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. **Gênero e educação física escolar: uma análise das evidências empíricas sobre discriminação e sexo**. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/244.pdf>. Acessado em: 10 Jun. 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ZUZZI, Renata Pascoti; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Do passado ao presente: reflexões sobre a história da Educação Física a partir das relações de gênero. In: KNIJNIK, Jorge.Dorfman; ZUZZI, Renata.Pascoti. (orgs). **Meninas e meninos na Educação**

Física: gênero e corporeidade no século XXI. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, cap. 3 p. 59-70, 2010.

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Atitudes para a igualdade de gênero no futebol escolar

Pesquisador: Osmar Moreira de Souza Júnior

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 41170620.2.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.790.311

Apresentação do Projeto:

O esporte em geral e o futebol em particular, historicamente desde sua origem têm se configurado como um lugar privilegiado para a incorporação e expressão pública dos valores tradicionais de masculinidade. Em contrapartida, a prática ou envolvimento intensivo com alguns esportes confere às mulheres uma transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo deixando de existir apenas para o outro ou para sua própria contemplação narcisista, e passando a existir para si mesma, expressando uma importante experiência de empoderamento feminino e de contestação/enfrentamento dos valores sexistas articulados à masculinidade hegemônica. O presente estudo representa um recorte da pesquisa transcultural "Actitudes hacia la igualdad de género em el futbol escolar", tendo por objetivo identificar e analisar as atitudes de alunas/os do Ensino Fundamental e Médio para a igualdade de gênero no futebol escolar, a partir da aplicação do questionário denominado Escala de Atitudes para Igualdade de Gênero no Futebol Escolar (EAIGFU). O EAIGFU estrutura-se em três blocos temáticos, quais sejam, nível sociocultural, nível relacional e competência motriz percebida. A aplicação dos questionários possui viabilidade não presencial, por meio de formulário eletrônico virtual. O projeto temático prevê a aplicação do instrumento em diferentes contextos, de forma a permitir análises locais, regionais, nacionais e internacionais. Os resultados serão tratados por meio de análise de clusters do bloco sociocultural do EAIGFU, complementadas pelas análises cruzadas com dados dos blocos relacionais e de competência motriz percebida e interpretações orientadas pelos estudos de gênero.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.790.311

Objetivo da Pesquisa:

Reconhecer e descrever as atitudes dos alunos de Ensino Fundamental e Médio para a igualdade de gênero no futebol escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador apresentou como riscos:

"O questionário não incluirá qualquer tipo de dado pessoal de identificação dos participantes. Os principais riscos envolvidos consistem na exposição de dados sensíveis relacionados a questões ideológicas e/ou morais que podem ser captadas por terceiros que estejam compartilhando o ambiente em que o participante esteja respondendo ao questionário."

E como benefícios:

"A participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas que contribuam para atitudes para a igualdade de gênero no futebol escolar e na sociedade de forma geral. O pesquisador e/ou equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante a pesquisa."

PARECER:

Os riscos e benefícios apresentados são coerentes com o escopo de pesquisa em questão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou os seguintes documentos para apreciação ética da pesquisa:

- . PB com informações básicas do projeto de pesquisa - versão 4;
- . Anuência da Secretaria de Educação;
- . Carta resposta à pendência - versão recente;
- . Carta resposta à pendência - versão precedente;
- . PB com informações básica do projeto de pesquisa - versão precedente;
- . Cartão resposta às pendências - versão antecedente;
- . Folha de rosto assinada pela diretoria de centro;

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.790.311

- . TALE;
- . TCLE;
- . Projeto de pesquisa na íntegra.

Os documentos foram suficientes para o processo de apreciação ética da pesquisa e estão em conformidade com as resoluções éticas vigentes no país no que tange o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos.

Recomendações:

APROVAÇÃO sem maiores considerações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Considerando a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipais e Estaduais; Considerando que as Portarias/Resoluções de Instituições Proponentes de pesquisa são constantemente atualizadas; Considerando o papel do sistema CEP/CONEP em garantir a segurança e proteção do participante da pesquisa por meio dos Protocolos submetidos na Plataforma Brasil; Considerando a corresponsabilidade do pesquisador pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;

Este CEP orienta aos pesquisadores o acompanhamento da situação sócio sanitária da região em

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.790.311

que ocorrerá a pesquisa, bem como as determinações legais dos planos de contingenciamento do COVID-19 para determinação do início, suspensão ou continuidade de atividades de pesquisas presenciais, mesmo que o Protocolo já se encontre aprovado pelo CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1655766.pdf	07/08/2021 19:30:55		Aceito
Outros	Parecer_anuencia_Secretaria_Educacao.pdf	07/08/2021 19:30:17	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_A_PENDENCIA_v4.pdf	07/08/2021 19:29:00	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_PENDENCIA.pdf	14/04/2021 12:31:46	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_4814405.pdf	14/04/2021 07:47:11	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_AO_PARECER_CONSUBSTANCIADO_DO_CEP.pdf	14/04/2021 07:46:25	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Osmar.pdf	13/04/2021 08:31:34	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_responsaveis_Projeto_EAIGFU.pdf	03/04/2021 18:30:25	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis_Projeto_EAIGFU.pdf	03/04/2021 18:30:11	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_EAIGFU.pdf	03/04/2021 18:29:36	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br